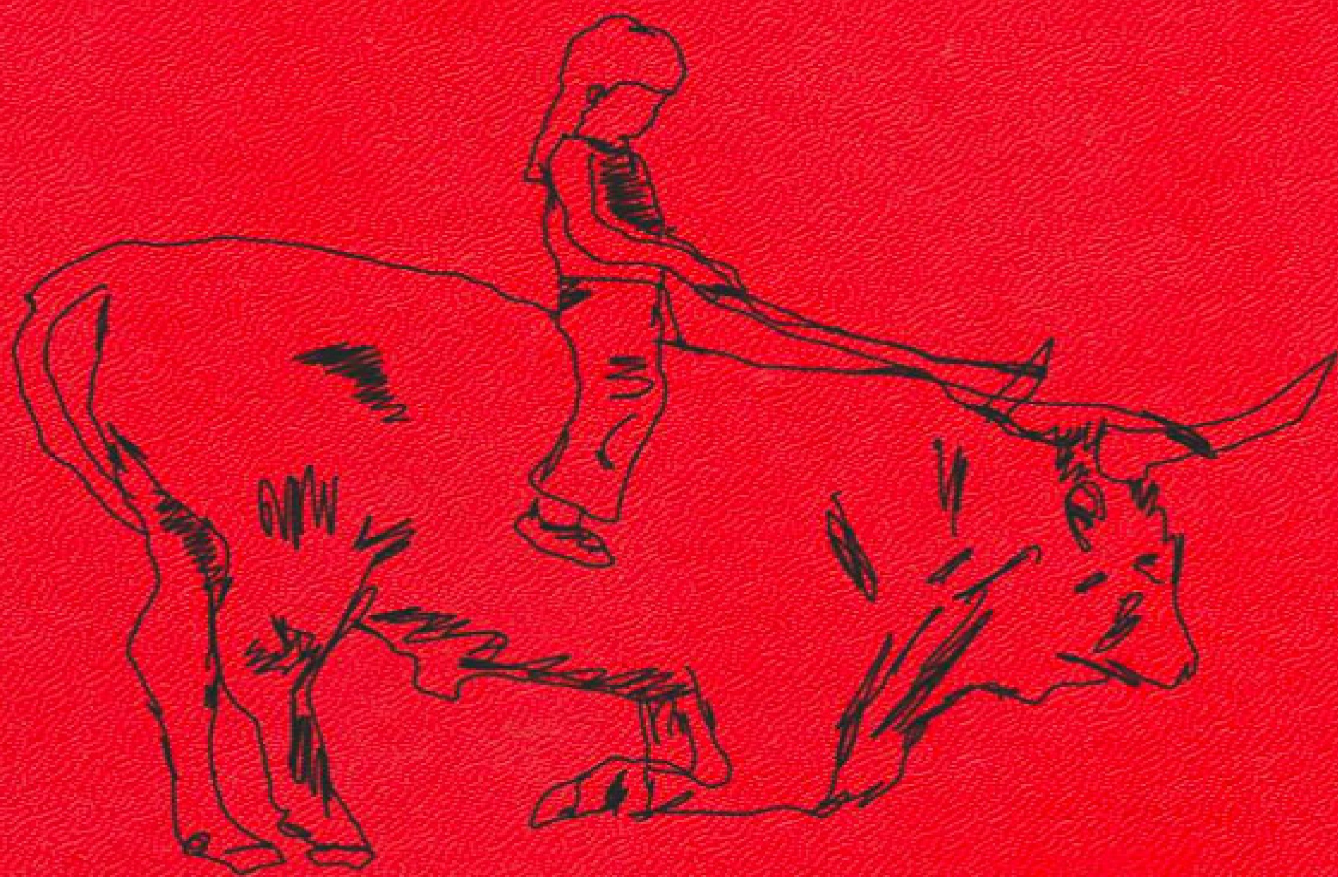
fernanda Young

posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar



fernanda Young

posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar







fernanda

Young

posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar

editora LeYa 2019

Edição:
Eugênia Ribas-Vieira

Designer:
Victor Burton

Imagem de capa:
Estela May

Preparação de texto:
Sarah Czapski Simoni

Revisão:
Elisa Martins

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

1ª edição, 2019

Nota da editora

É com pesar que escrevo esta nota, depois de ler – agora em sua ausência – as páginas do primeiro romance escrito por Fernanda Young.

Por certo, Fernanda não gostaria que se explicasse nada. A obra precisa impactar por si só, diria. Ao mesmo tempo, fazia-se totalmente presente na hora de apresentar o seu trabalho, a ponto de não distinguirmos, às vezes, onde terminava a obra e onde começava a autora. Uma separação que enfrento agora, preenchendo de palavras a falta que ela faz no lançamento de *Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar*.

A ironia da vida fez com que o primeiro livro escrito por Fernanda fosse o último a que ela se dedicaria, revendo os originais. No dia 20 de agosto de 2019, falamos do texto pela última vez. Perguntei se não era melhor adiarmos o lançamento para março de 2020, uma vez que ela estava envolvida em outro projeto, uma peça de teatro. Fernanda foi categórica: "Precisamos lançar neste ano".

Havia nela certezas e vontades, e sobretudo um desejo, imenso, predominante, que estruturava todos os projetos artísticos a que se propunha. Toda a obra de Fernanda Young parecia estar estrategicamente desenhada em sua mente. Alguns consideravam-na uma *bruxa*. De fato, ao revisitar as mensagens e os áudios que trocamos, parece claro o seu conhecimento do porvir. E, nesse sentido, dando continuidade ao desejo imperativo da autora (foram raras as vezes que consegui que mudasse de ideia sobre alguma coisa), decidimos lançar o livro na data prevista, como

deveria ser, ainda que fosse curto o período entre a finalização do livro e a sua chegadas às livrarias.

É importante que o leitor saiba que os originais deste romance ainda seriam trabalhados pela autora. Juntas, chegamos a escolher momentos narrativos que mereciam ser ampliados por descrições e aprofundamento de conflitos. Para minha surpresa, contudo, o desejo de Fernanda, sempre tão grande, não foi o bastante para atualizar o vocabulário e revisar as frases, um trabalho tão caro à autora. Não houve tempo, simplesmente.

Restou-nos, assim, preservar fielmente o romance escrito aos dezessete anos, de 1987 a 1988, como está datado o manuscrito ainda à máquina. Uma adolescente sonhadora que ia estudar Letras na UFF (Universidade Federal Fluminense). Podemos enxergar através desse manuscrito a artista que Fernanda Young sempre foi. Não digo "a escritora que Fernanda Young sempre foi", pois sua escrita e sua forma narrativa ainda se aprimorariam. A autora de *Tudo que você não soube* e *A sombra das vossas asas*, para citar os meus romances preferidos, aqui, neste livro, apresenta sua força. É um romance de estreia brilhante, como era de se suspeitar.

Ao resgatar o original de suas caixas de lembranças (ela era acumuladora, e tudo o que era memória parecia se condensar em objetos), a autora teve dúvidas quanto à publicação: "Vão me queimar em praça pública", escreveu. Mas, frente ao momento conservador e retrógrado pelo qual estamos passando, decidiu: "Vamos publicar, nem que seja uma autopublicação".

O ano de 2019 não foi fácil para a autora. Fernanda, como agente cultural, sensibilizava-se com os cortes de verbas para a cultura, os gestos de censura, as sentenças chulas de nossos governantes ao desprezar a literatura, o teatro, o cinema, as artes em geral. Fernanda lutou até o fim pelo que mais acreditava. Há quem diga que ela não aguentou a opressão dos últimos tempos no Brasil. Nunca saberemos ao certo. Mas, para além da dúvida, atenho-me ao desejo da autora. Preocupada com possíveis ataques a ela, cheguei a apontar dois trechos que poderiam ser considerados polêmicos no romance. "Jamais cortarei", respondeu.

Aqueles que conheceram Fernanda sabem que quando ela dizia “nunca”, restava ainda uma possibilidade de convencimento, de mudança de ideia. No entanto, quando respondia “jamais”, era assunto encerrado. Comigo, ela sempre foi assim.

Desta forma, para assombro de alguns e para alegria de muitos, sem qualquer autocensura, a jovem autora de *Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar* já avisa o que viria a ser e o que estava por se confirmar – uma voz única e desconcertante nas letras brasileiras.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à editora Leila Name, entusiasta da publicação desde o primeiro momento e que “nos dá coragem para seguir viagem quando a noite vem”, frase de uma canção de Chico Buarque, muito usada por Fernanda.

E um outro agradecimento, tomada de grande emoção, a Alexandre Machado, Cecilia Young, Estela May, Catarina Lakshimi, John Gopala e Renata Young. Porque sim. Porque sempre.

Em um de seus últimos pedidos, por WhatsApp, Fernanda me escreveu: “Me ajuda, Eugênia. Preciso reconquistar a capacidade de sonhar. Eu só sobrevivo. Não vivo”.

Este romance foi publicado para manter viva a obra de Fernanda Young. É a afirmação de sua voz ativa e provocadora, que há de ressoar por muitos e muitos anos. Que ela não pare de nos tirar de um lugar de conforto em troca de liberdade e sonho.

Eugênia Ribas-Vieira

14 DE SETEMBRO DE 2019.

Nas páginas seguintes, apresentamos uma reprodução do original da autora. Vale observar que o título do livro, “Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar”, foi escolhido no início de 2019, época em que a autora decidiu publicá-lo. O título é uma frase que chamou a atenção de Fernanda na sua releitura. No original, datado de 1987-1988, a autora nos oferece essas duas opções: “Emílio o invejoso” ou “Desire uma boa potranca”, que Fernanda preferiu, por fim, desconsiderar.

Emílio o invejoso ou Desire uma boa potranca

FERNANDA MARIA YOUNG
1997 - 98

"Tão cruel quanto a parede interna de canhão"

Jean Genet

I Capitulo

Quando eu era pequena (eu) gostava de brincar de irmãs siamesas, juntava-me (com) minha irmã e não havia terremoto que nos separasse. Para mim nesta época ser irmã siamesa chamava-se sinagoga, deve ser por isso que atualmente penso em tornar-me judía ,restaurar minha pureza e autênticiar a patênte do meu estilo.

Tenho lembranças funéstas de minha criação, lembro-me então de um fato que vem cobrar o silêncio de cada gole que dou no meu cálice de vinho.

Neste dia bebi um copo dàgua com pressa e uma sofreguidão de quem quer ir brincar e meu pai sentado ao outro extremo da da mesa esperou paciente o término do do líquido. Olhou-me com uma calma severa e me fez delicadamente tomar outro copo de água ,pausadamente e sem produzir nenhum barulho.

Sinto até hoje uma sensação de caixa dágua que me causa (clastofobía) crônica.

::::::::::::::::::::::::::::

(Pastor Ortiz,parte vermelha)

A única condição para receber o espírito santo é ter sede. uma vez eu estava a cavalo,quando chegamos a um rio.Eu quería que este cavalo tomasse água mas ele não tinha sede,então eu puxava a cabeça dele,mas o cavalo ficava assim:(imita o cavalo imóvel). Eu quería que ele bebesse,mas ele não bebía pois não tinha sede.(pausa)

Se nós não temos sede,não queremos beber,porém se temos sede,estamos seguros da fonte de água viva.Glória a Deus senhor !

Algumas pessoas crêem que para recebermos o espírito santo temos que estar mui-preparadas,muit

muito santificadas,se vpcê pode santificar-se, para todo mundo ver que, você pode receber o espirito santo,então você não precisa do espirito.

Justamente,nós precisamos do espirito para podermos ser[redacted] santos.se uma pessoa pode santificar-se sem o espirito santo,ela não precisa do espírito santo.

Então não deixe o inimigo lhe dizer,que você não é digno, que você não pode.

([redacted])

O senhor disse a todos: " Se você tem fé,se você tem sede,é suficiente, ele irá fazer a obra."

Não tem que ser digno ,por que ninguém é digno,só dependemos dele,então a segunda palavra é: venha a mim e bêba, eu creio que esta frase"venha a mim.." é muito importante,muito interessante,não temos que ir a ele só pelas coisas que ele nos dá,se não por ele.

Ele é o batizador no espírito santo,temos que nos unir com o intúito de crêres em mim" como ele disse,rios de águas vivas fluírão,po isso crêem nele.

::::::::::::::::

Saímos da igreja e eu me sentía culpada,as palavras do pastor Ortiz me martelavam a mente,eu sentía como se [redacted] sempre estivesse falando com deus para ter os seus poderes,usando Jesus como uma cartola de mágico.

Meu pai ía na frente dando [redacted] suas opiniões sobre o sermão,mamãe calada - demonstrava [redacted] interesse como se Papo soubesse a grande verdade.

Eu não conseguia escutá-lo,estava perdida em minha auto-piedade,pois queimaria a nas trevas do inferno em breve.Sim,eu devería pagar com a vida pelo desleixo que [redacted] tive com o senhor.

Meus pensamentos me puníam e eu me vía cada vez mais infeliz e desgraçada, enquanto isto minha irmã caçula cantava baixo uma música do anjo que se chamava solidão.

Meus pés ardiam,o suor descia em grosso filetes,tudo[redacted]

Tudo estava tão seco,a voz de Papo,a canção de Alice,o silêncio de mamãe, a minha dor.

Eu comecei a sentir uma tonteira e a ficar gelada,deus estava me castigando.

Quando acordei estava em minha cama.demorei um pouco para me situar,olhei para Al e ela dormía leve.em sua boca entreaberta brilhava (sua) saliva infantil.

Levantei-me,mas logo voltei para a cama,eu não quería ser flagrada no corredor,eu não quería ser abordada pelo fato ocorrido,sentía fome,mas todos fazíam sua Sesta rotineira.

Demorei um pouco a retornar a dormir e sonhei com deus,Jesus e o espiríto santo.O primeiro era como o meu avô do sul,pai de Papo,o segundo era como no quadro que tínha na sala de jantar e o terceiro era o carteiro com olhos de mel que.vinha de quinze e quinze dias trazer o jornal da cidade mais próxima.

Acordei e me assustei com mamãe que ao lado bordava algo que não dei atenção.Me arrependo de não ter dado valor a este detalhe.

_ Não precisa se preocupar minha filha_odeio ser chamada assim.pensamos em chamar o médico,mas quando olhei seu vestido_mostrou o vestido_e o ví sujo,bom,eu pensei:a dona mestruação visitou minha Nina.

Não precisa se preocupar,aconteceu quase o mesmo comigo,o seu pai está orgulhoso e foi comprar um vestido de moça para você e depois passará na casa dos Mendes para comemorar_passando a mão em meus cabelos molhados.Irei lhe preparar uma sopa,você deve estar com fome.

Disse-lhe que sim só para que me deixasse sozinha,e então chorei de vergonha e depois deste dia nunca mais brinquei com os filhos dos Mendes.Voltando a ter contato com eles somente quando aceitei desposar (com) o mais velho, mas isto é uma história que ainda irei contar em um outro momento, com detalhes.

A vergonha de ir à igreja ía crescendo a cada dia da semana ,minha culpa se transformava em ódio.por deus,seu filho,espírito santo e principalmente pelo pastor Ortiz,que almoçava lá em casa de vez enquando.

Ele era convidado pelo Papo que mandava nos arrumar como se fossemos à missa. Tínhamos que beija-lo na mão.Alice ficava esbaforida com a presença do pastor,achava que ele era o espírito santo.

Quando lhe disse que o achava com cara de chupeta,correu para o Papo e contou-lhe chorosa:_Papo!Nina disse que o pastor tem cara de chupeta com face!

Atualmente eu sei o que [redacted] quería dizer,ele parecía um testiculo com formas moldáveis.

De sábado para domingo eu quase não dormi. Quando amanheceu,AL eufórica penteou o cabelo cantando a música do anjo:"Se esta rua ,se esta rua..."

:::::::::::::::::::::::::::::::

TINTA VERMELHA

...não nas dádivas,não nos presentes que ele nos dá,mas sim nele.Muitas pessoas vêm a ele pelos presentes e não por ele.

Jesus não gosta disso,ele diz;"Vocês me seguem pelos milagre , pelas curas e não por mim"(silêncio)

Nós fazemos o mesmo que as criancinhas,você dá pão e doce,elas comem o doce e esquecem o pão,você dá mais doce e elas jogam o pão fora.

Se vocês contínuam a dar doce,elas irão ceiar somente doce.Jesus diz:"vocês me seguem pelo doce e não por mim.Mas eu sou o pão da vida e quem come da minha carne e bebe do meu sangue tem vida eterna."

Glória Deus senhor!!!Que este pão de vida ~~vêm~~ VENHA até a nós com muito doce,mas a vida não esta no doce e sim no pão.

Temos que vir por ele e não pelas dádivas,pelos presentes,pelos dons,mas por ele,ele é o ~~batizador~~ BATIZANTE.

Quando eu os batizei,ele estava em minhas mãos,nas mãos do pastor. Ele fez o batismo.Temos, irmãos,que darmos as mãos ao pastor,porque ele é a vida e o ~~batizador~~ BATIZANTE.

TINTA VERMELHA

Então vamos crêr em Jesus,amar Jesus,vamos ãbraçar Jesus ,enamorar Jesus.
Eu não vou mais a Jesus para pedir,ainda que a bíblia me permita,mas (eu) deixo para as crianças,que estão sempre com o senhor.

Mas ele sabe o que (eu) necessito,não tenha na mente o que vai receber, tenha ele na mente.

Alelúia!! (coro:Alelúia)

Diga a Jesus: eu te amo! Tú és precioso,tú és maravilhoso,ele diz:"Eu sou o pão da vida e quem come da minha carne,este terá vida eterna."

Alelúia!! (coro:Alelúia)

Então vamos passar os domingos em sua casa,não comigo,mas com o senhor.
Eu estou introduzindo em vocês o (batizador),eu não prego a cura divina,eu prego Jesus Cristo,ele é o curador.

Nós o amamos e ele fará o resto,temos que sermos enamorados de Cristo, o senhor.

::::::::::::::::::::

Nesta época mamãe esperava um bebê e Papo progredia como negociante,tínhamos uma casa próspera,não nos faltavam bons alimentos.Al tinha oito anos e eu doze,apesar dos meus seios já se pronunciarem por debaixo da roupa.

Eu sabía que algo tínha modificado,desde o domingo que desmaiei,não era nem pelo sangue que descera pelas minhas pernas,era algo mais forte ,incontrolávelmente quente.

As semanas íam passando e a única coisa que eu pensava era na missa,eu sentía um ódio prazeroso,eu quería os presentes de Cristo,e a vergonha do meu interesse já tinha passado,ele jamais sabería o meu verdadeiro desejo perante a ele.

Prefácio | Cecilia Young

Fernanda Young nunca foi uma mãe convencional. Desconfio que você, que está lendo isto agora, alguma vez imaginou que ela fosse, então achei importante começar o prefácio assim. Porque é talvez o que mais fique grudado na minha memória. Outras mães sempre a olhavam feio no parquinho, e perdi a conta de quantas vezes os meus professores me perguntaram o porquê do Madonna no meu nome. Mas um acontecimento em especial se destaca entre tantos.

Quando eu tinha nove anos, minha mãe decidiu posar nua para a *Playboy*. Eu – acho que talvez por medo – pedi para ela não fazer isso. Ela, por ser a mulher livre que sempre foi, não se deixou levar por sua filha ingênua. Apenas muitos anos depois, percebi que aquele ensaio não tinha qualquer intuito sexual, e sim um pela inclusão, pelo direito de ser feliz em sua própria pele. Atenção, mundo: uma escritora tatuada, considerada muitas vezes louca e perigosa, pode ser capa da *Playboy*. Foi um grito de liberdade para os *freaks*. Poderia escrever apenas sobre isso, mas meu objetivo não é fazer você entender a razão de ela ter ignorado meu pedido, e sim contar o que aconteceu depois.

Naquele mesmo ano, um colega meu, da escola, chegou para mim e perguntou: "Cecilia, sua mãe posou pelada para a *Playboy*?". Pois é, um menino de nove anos sabia, de alguma maneira, que minha mãe tinha feito um ensaio de fotos para uma revista considerada pornográfica. E é claro que ele teve que questionar isso comigo, e não com a minha irmã, que

estudava na mesma sala. Pelo que me lembro, eu olhei para ele e confirmei, sem esboçar nenhuma emoção ou adicionar um comentário. Ao chegar em casa, contei para minha mãe o acontecido e ela caiu na gargalhada. Dez anos depois, ela ainda gostava de me lembrar desse episódio. Até decorou o nome do menino!

Bom, como eu disse, ela não era normal – mas não ache que, só porque ela tinha as suas esquisitices, era irresponsável. Durante toda a minha vida tive que aguentar pessoas falando como deveria ser demais ter uma mãe como a minha, como ela provavelmente deixava a gente fazer tudo que queria. Não era assim. Usando as palavras dela: “Liberdade vem com responsabilidade”. Ouvi isso saindo da boca dela milhares de vezes; mas acho que só agora, lendo esta obra, realmente entendi o que ela quis dizer.

É o primeiro livro dela que leio. Chocante, não? Vou me explicar. A regra lá em casa era que só poderíamos ler um livro escrito por ela aos quinze anos. Dito e feito. No meu décimo quinto aniversário, ganhei *Vergonha dos pés*. Acho que devo ter lido uns três capítulos, antes de desistir. Se você é filho ou filha de escritores de ficção, vai me entender – trata-se de uma sensação estranha e inevitável, você simplesmente não quer conhecer essa determinada parte deles.

Desta vez, eu conheci – e fico tão feliz de ter conhecido! Este livro, que você está prestes a ler, conta a história simples de uma jovem que, ao ter a sua primeira menstruação, começa a ver o mundo de outra maneira – uma que não condiz com o olhar religioso de sua família, e sim com a *liberdade* de ser mulher. Coloco em itálico pois aí está o termo-chave deste pequeno texto introdutório: liberdade. Como disse, o direito de ser um indivíduo livre é algo que minha mãe ofereceu para mim, porém sempre com a sua devida responsabilidade. E este livro, sendo seu primeiro romance, é ela tentando atingir essa responsabilidade literária sem perder sua essência anarquista de ser absolutamente livre.

Não quero me estender (e nem sei se conseguiria), portanto serei breve: aproveite o livro. Aproveite Fernanda Young, aos seus dezessete anos, sendo livre, excêntrica e dizendo o que queria, da maneira mais linda

possível. Tenho certeza de que é como ela gostaria que fosse. Para aqueles que têm sido leitores da minha mãe há anos: posso apenas agradecer e esperar que esta última – ou seria primeira? – obra seja tudo que você aguarda. Para aqueles que estão, como eu, lendo um livro de Fernanda Young pela primeira vez: se entregue a esse mundo. É louco, cativante e espinhoso – mas eu prometo que vale a pena.

“Tão cruel quanto a parede interna de um canhão.”
— Jean Genet

I



Quando eu era pequena, gostava de brincar de irmãs siamesas. Juntava-me a minha irmã e não havia terremoto que nos separasse.

Para mim, nessa época, ser irmã siamesa chamava-se sinagoga. Deve ser por isso que atualmente penso em tornar-me judia, restaurar minha pureza e autenticar a patente do meu estilo.

Tenho lembranças funestas de minha criação. Lembro-me então de um fato que vem cobrar o silêncio de cada gole que dou no meu cálice de vinho.

Nesse dia, bebi um copo d'água com pressa e uma sofreguidão de quem quer ir brincar, e meu pai sentado ao outro extremo da mesa esperou paciente o término do líquido. Olhou-me com uma calma severa e me fez delicadamente tomar outro copo d'água, pausadamente e sem produzir nenhum barulho.

Sinto até hoje uma sensação de caixa d'água que me causa claustrofobia crônica.

***

A única condição para receber o Esp rito Santo é ter sede. Uma vez eu estava a cavalo, quando chegamos a um rio. Eu queria que o cavalo tomasse água, mas ele não tinha sede, então eu puxava a cabeça dele, mas o cavalo ficava assim: (imita o cavalo imóvel). Eu queria que ele bebesse, mas ele não bebia, pois não tinha sede. (pausa)

Se nós não temos sede, não queremos beber, porém se temos sede, estamos seguros da fonte de água viva. Glória a Deus Senhor!

Algumas pessoas creem que para recebermos o Esp rito Santo temos que estar muito preparados, muito santificados. Se você pode santificar-se para todo mundo ver que você é digno de receber o Esp rito Santo, então você não precisa do Esp rito.

Justamente, nós precisamos do Esp rito para podermos ser santos. Se uma pessoa pode santificar-se sem o Esp rito Santo, ela não precisa do Esp rito Santo.

Então não deixe o inimigo lhe dizer que você não é digno, que você não pode. (tosse)

O Senhor disse a todos: "Se você tem fé, se você tem sede, é suficiente, ele irá fazer a obra".

Não tem que ser digno, porque ninguém é digno, só dependemos Dele, então a segunda palavra é: "Venha a mim e beba", eu creio que esta frase "Venha a mim..." é muito importante, muito interessante, não temos que ir a Ele só pelas coisas que Ele nos dá, senão por Ele.

Ele é o batizante no Esp rito Santo, temos que nos unir com o intuito de crer nele. Como Ele disse, rios de águas vivas fluirão, por isso creem nele.

***

Saímos da igreja e eu me sentia culpada. As palavras do pastor Ortiz me martelavam a mente, eu sentia como se sempre estivesse falando com Deus para ter os seus poderes, usando Jesus como uma cartola de mágico.

Meu pai ia na frente dando suas opiniões sobre o sermão, mamãe calada — demonstrava interesse como se Papo soubesse a grande verdade.

Eu não conseguia escutá-lo, estava perdida em minha autopiedade, pois queimaria nas trevas do inferno em breve. Sim, eu deveria pagar com a vida pelo desleixo que tive com o Senhor.

Meus pensamentos me puniam e eu me via cada vez mais infeliz e desgraçada, enquanto isso minha irmã caçula cantava baixo uma música do anjo que se chamava Solidão.

Meus pés ardiam, o suor descia em grossos filetes, tudo estava tão seco, a voz de Papo, a canção de Alice, o silêncio de mamãe, a minha dor.

Eu comecei a sentir uma tonteira e a ficar gelada, Deus estava me castigando.

Quando acordei, estava em minha cama. Demorei um pouco para me situar, olhei para Alice e ela dormia leve. Em sua boca entreaberta brilhava sua saliva infantil.

Levantei-me, mas logo retornei para a cama, eu não queria ser flagrada no corredor, eu não queria ser abordada pelo fato ocorrido, sentia fome,

mas todos faziam sua sesta rotineira.

Demorei um pouco a voltar a dormir e sonhei com Deus, Jesus e o Espírito Santo. O primeiro era como o meu avô do Sul, pai de Papo, o segundo era como no quadro que tinha na sala de jantar e o terceiro era o carteiro com olhos de mel que vinha de quinze em quinze dias trazer o jornal da cidade mais próxima.

Acordei e me assustei com mamãe, que ao lado bordava algo a que não dei atenção. Arrependo-me de não ter dado valor a esse detalhe.

— Não precisa se preocupar, minha filha — odeio ser chamada assim —, pensamos em chamar o médico, mas quando olhei seu vestido — mostrou o vestido — e o vi sujo, bom, pensei: a dona menstruação visitou minha Nina. Não precisa se preocupar, aconteceu quase o mesmo comigo, o seu pai está orgulhoso e foi comprar um vestido de moça para você e depois passará na casa dos Mendes para comemorar — passando a mão em meus cabelos molhados. — Irei lhe preparar uma sopa, você deve estar com fome.

Disse-lhe que sim só para que me deixasse sozinha, e então chorei de vergonha e, depois desse dia, nunca mais brinquei com os filhos dos Mendes. Voltei a ter contato com eles somente quando aceitei desposar o mais velho, mas isso é uma história que ainda irei contar em outro momento, com detalhes.

A vergonha de ir à igreja ia crescendo a cada dia da semana, minha culpa se transformava em ódio por Deus, por seu Filho, pelo Espírito Santo e, principalmente, pelo pastor Ortiz, que almoçava lá em casa de vez em quando.

Ele era convidado por Papo que mandava nos arrumar como se fôssemos à missa. Tínhamos que beijar-lhe a mão. Alice ficava esbaforida com a presença do pastor, achava que ele era o Espírito Santo.

Quando eu lhe disse que o achava com cara de chupeta, correu para Papo e contou-lhe chorosa:

— Papo! Nina disse que o pastor tem cara de chupeta com face!

Atualmente sei o que eu queria dizer, ele parecia um testículo com formas moldáveis.

De sábado para domingo quase não dormi. Quando amanheceu, Al eufórica penteou o cabelo cantando a música do anjo Solidão: "Se esta rua, se esta rua…".

***

… não nas dádivas, não nos presentes que Ele nos dá, mas sim nele. Muitas pessoas vêm a Ele pelos presentes e não por Ele.

Jesus não gosta disso, Ele diz: "Vocês me seguem pelos milagres, pelas curas e não por mim". (silêncio)

Nós fazemos o mesmo que as criancinhas, você dá pão e doce, elas comem o doce e esquecem o pão, você dá mais doce e elas jogam o pão fora.

Se vocês continuam a dar doce, elas irão cear somente o doce. Jesus diz: "Vocês me seguem pelo doce e não por mim. Mas eu sou o pão da vida, e quem come da minha carne e bebe do meu sangue tem vida eterna".

Glória a Deus Senhor!!! Que este pão de vida venha até nós com muito doce, mas a vida não está no doce, e sim no pão.

Temos que vir por Ele e não pelas dádivas, pelos presentes, pelos dons, mas por Ele, ele é o batizante.

Então vamos crer em Jesus, amar Jesus, vamos abraçar Jesus, enamorar Jesus. Eu não vou mais a Jesus para pedir, ainda que a B blia me permita, mas deixo para as crianças, que estão sempre com o Senhor.

Mas Ele sabe do que necessito, não tenha em mente o que vai receber, tenha Ele em mente.

Aleluia! (coro: Aleluia)

Diga a Jesus: eu te amo! Tu és precioso, tu és maravilhoso, Ele diz: "Eu sou o pão da vida e quem come da minha carne, este terá vida eterna".

Aleluia! (coro: Aleluia)

Então vamos passar os domingos em sua casa, não comigo, mas com o Senhor. Estou introduzindo em vocês o batizante, eu não prego a cura divina, eu prego Jesus Cristo, Ele é o curador.

Nós o amamos e Ele fará o resto, temos que ser enamorados de Cristo, o Senhor.

***

Nessa época, mamãe esperava um bebê e Papo progredia como negociante. Tínhamos uma casa próspera, não nos faltavam bons alimentos.

Al tinha oito anos e eu doze, apesar dos meus seios já se pronunciarem por baixo da roupa.

Eu sabia que algo tinha mudado, desde o domingo que desmaiei, não era pelo sangue que descera pelas minhas pernas, era algo mais forte, incontrolavelmente quente.

As semanas iam passando e a única coisa que eu pensava era na missa, eu sentia um ódio prazeroso, eu queria os presentes de Cristo, e a vergonha do meu interesse já tinha passado, Ele jamais saberia o meu verdadeiro desejo perante a Ele.

II

A barriga de mamãe crescia e ela a cada dia ficava mais fraca e com um estranho brilho nos olhos. Papo mesmo assim convidara o pastor para almoçar. Era um sábado quente de primavera, no qual o meu sentimento de desejo se espalhava em meus lençóis e pelos meus dedos.

Tudo estava estranhamente vermelho, como meus cabelos que caíam em cachos por sobre os ombros.

Às onze horas, o pastor Ortiz entrou com aquele mesmo sorriso de quem está prestes a iniciar o sermão. Al correu esbaforida — como sempre — para beijar-lhe a mão, enquanto eu calmamente terminava de ajudar Petita a colocar a mesa. Papo mirou-me com olhar severo. Depois de alguns segundos, me encaminhei com passos belos e firmes, e lhe beijei a mão, mas não como quem beija as mãos de um batizante.

Talvez ele tenha percebido e no decorrer do almoço evitou me fitar, só me dirigindo a palavra para dizer:

— Espero um dia lhe unir com um bom rapaz em minha igreja. Você será uma esposa e mãe com a bênção de Cristo.

— Amém! — exclamou Papo, com fervor ridículo.

Eu apenas sorri.

A nossa casa ficava longe da cidade, mas, com a mercearia, Papo comprara um carro, "seria mais seguro para mamãe", por isso o pastor Ortiz aceitara pernoitar. No dia seguinte iríamos à igreja.

Depois do almoço, já encaminhado a seu quarto, o de hóspedes, o pastor Ortiz fez sua sesta, assim como todos da casa, menos eu que estava excitada demais para dormir.

Preferi andar um pouco pelo campo que dividia nossa propriedade com a dos Mendes. Parei debaixo de uma sombra, naturalmente de árvore, e só assim consegui dormir, tendo um sonho.

Nele eu estava com um vestido clichê de noiva, meus cabelos presos em um coque, eu entrava lentamente na igreja, somente o pastor Ortiz estava lá, no altar, com o olhar vidrado. Ventava e meu vestido transparente roçava em meu corpo desnudo, eu andava e o altar ficava cada vez mais distante, eu ria do desejo do pastor, ria da introdução da palavra de Cristo, ria do doce, o pastor agora tinha cara de pirulito.

As portas se trancaram, as janelas também, tudo ficou escuro e as mãos do pastor em meus seios.

Ajoelhei-me a seus pés e chorei. Quando acordei, eu estava assustada, molhada, corri para casa e realmente chorei, chorei de verdade. Sentia-me culpada, o que me fez me aproximar mais do sentimento de dor, desespero, autocompaixão e vergonha.

Neste dia, raspei meu púbis e vomitei.

Agora faltavam apenas algumas semanas para o nascimento do bebê. Tudo até então me parecia falso, mamãe sempre fora uma mulher belamente imbecil, o que foi difícil assumir durante toda a minha vida.

Ela ao certo nem sabia o que acontecia realmente com seu corpo, aquele corpo ainda tão frágil, diáfano e com uma juventude debilitada devido a sua delicadeza exagerada.

Casara-se muito cedo, aos treze anos, seis meses depois estava grávida e aos quatorze eu nascia. Papo era grande, bonito e chato, tinha apreço aos amigos e à igreja, por isso não era de se estranhar que — mais tarde eu vim a saber — seus vinte centímetros de órgão sexual em estado de excitação só demonstraram serviço nas nove gravidezes de mamãe.

O que prova que para ser fértil não é preciso grandes potências, e disso ele se gabou a vida inteira.

O sexo era apenas um método de proliferação, por isso mamãe adorava ter filhos e Papo adorava batizá-los.

É lógico que só fui ter consciência disso bem mais tarde, até aquele momento eu só pensava no corpo de mamãe que ia perdendo a graça a cada dia que passava, sua pele se esticava como plástico, e, ao sentar-se, já não fazia do ventre um lugar para pousar as mãos pequeninas.

Ali estava um ser roxo que, nos sonhos, me vinha narigudo e vesgo. Num desses sonhos consecutivos e cinematográficos, sonhei que a barriga de mamãe vinha até o chão, como uma mama de índia velha, ela estava sentada numa cadeira de balanço, descansava a barriga nos pés e Al cantava a música do anjo solitário.

Nunca a vi tão feia como no sonho, mas é assim que me lembro dela, só me recordando de sua beleza ao ver fotos.

No início do verão nasceu Gregor, louro e vesgo. E a barriga de mamãe voltara razoavelmente ao lugar. O que mais me irritava era o cheiro de leite. Voltei a pensar na igreja e nos sermões de domingo.

***

Eu creio que nós temos que sentir sede, sede dele, agora vamos bebê-lo, Ele é o Esp rito, é a verdade, é a vida. Vamos bebê-lo, respirá--lo profundamente.

Como um s mbolo, muitas coisas são s mbolos, assim como unir as palmas das mãos. Não é porque Deus assim (faz o gesto) irá nos abençoar mais. Porém desta forma simbolizamos nossa submissão.

Eu posso estar ajoelhado com as pernas e parado com o coração, são s mbolos. Então tente respirar profundamente um s mbolo, de beber (produz um som de prazer).

Aleluia!

Então vamos até o templo. Aqui na casa do Senhor direcionamos a presença de Jesus Cristo em nossas vidas, bebendo-o.

Amém! Oremos em silêncio.

***

Eu desejava ser o recheio de um crepe, apesar de ser quente. Depois, eu pensava em ser envolvida por uma folha de alface gigante, bem geladinha e fresca.

Com cheiro de vinagre e azeite.

Engraçada a cara de Gregor, ali está ele, deitado entre os braços de Petita, durante o sermão ele permanecerá ali, imóvel, vesgo, sem entender nada.

Só irá para o colo de mamãe no final, para que possa ser exibido. Talvez Papo o pegue para provar sua eficiência. "O terceiro a ser batizado pelo pastor Ortiz."

***

Senhor, te amamos com todo o nosso coração, limpa-nos de qualquer motivação ego sta, suja, que tenhamos motivações limpas.

Nosso desejo és tu, tu mesmo, tu és o motivo de nossa existência.

Te queremos, Senhor, te amamos.

Nós queremos ser cheios de ti. Com palavras ou sem palavras, com choro ou sem choro, no poss vel ou imposs vel, de pé ou no trono.

De qualquer maneira, mas a ti, nós te queremos.

Jesus! Jesus!

***

Dito e feito, agora Gregor é transferido para o colo de Papo, mamãe sorri ao seu lado, logo atrás Petita, a criada, segura Al pelas mãos e eu continuo com a ideia de me cobrir com uma alface enorme.

Passamos sorridentes pelos Mello; as irmãs Frazão disseram ser a minha cara; os Mendes vieram ao nosso encontro, ao encontro da família feliz, e eu nesta hora preferi dar uma volta pelos arredores da igreja.

O pastor Ortiz citou a submissão a Deus, pombas! Eu não quero unir as mãos e não quero também os seus dons, as suas dádivas. Que dádivas são essas? Gregor nasce vesgo, Papo o traz ao sermão para exibi-lo.

O dia estava quente como os anteriores, mas eu ainda sentia, apesar de estar longe, o cheiro de leite, de leite materno.

As mamas jorravam aquele líquido morno, Gregor só olhava, com seus olhos deformados, negando-se a beber. E eu tinha ânsias de vômito.

A casa do pastor fica atrás da igreja. É uma casa de um rosa curioso. Senti uma súbita vontade de entrar, ver a cama do pastor que introduz a palavra divina, sentir o cheiro das roupas do homem que traz nas mãos a bênção de Deus.

Mesmo com tanta curiosidade, me recordei do seu sobrinho, que todos alegavam ser maluco. O receio me amedrontou e voltei para perto dos meus.

Quase um mês depois voltaríamos às aulas e novamente eu teria que aturar a senhorita professora Anethe Frazão. Só que alguma coisa dera errado, por muito tempo a morte da professora pareceu-me estranha.

Pela cidade, ouvia-se um burburinho sobre o amor da professora pelo pastor Ortiz. Papo afirmava ser uma calúnia. Onde estaria a real resposta para o suicídio então? Seria louca, seria o mal, castigo ou amor?

Eu acho que era ódio, pavor, era essa maldita submissão, era essa igreja de tolos, esse torpor indecente por Deus, esse estar enamorado eterno, era a pregação do não prazer que matou a professora. Ela via o pênis de Deus no pastor. Todos de certa forma estavam traçados pelo mal do batismo, pelo mal do amor não correspondido perante o corpo, perante os genitais.

Anethe Frazão era uma mulher de ventre gordo, certamente com os lábios genitais grandes e caídos. Depois de sua morte, eu não conseguia deixar de imaginar a professora de dentes arcados amando a Cristo por um homem-pastor ou vice-versa.

Um dia, eu, demasiadamente enlouquecida com a ideia, sonhei com Anethe. Ela me encarava com os olhos de quem acabara de receber o Espírito Santo, tinha satisfação no seu corpo, tinha no corpo um bom cheiro visual e os lábios vermelhos.

Acordei e me desfiz em meus dedos, e a sensação final, um tremor no pensamento, um ressecar de saliva ou uma vergonha prazerosa, era o

momento exato de recebermos o Espírito Santo. Neste momento, o mundo é uma alface.

São naqueles rápidos segundos que realmente vamos até Deus sem querer doces, mas apenas para agradecermos o método de proliferação.

Anethe precisou morrer para me contar, o suicídio foi a forma mais rápida para minha compreensão.

Ruth era sua irmã e substituta na escola, era imbecil e falsa, tinha um sorriso contido e magro. Alice tinha muito apreço à nova mestra, eu sentia um ar de traição em seus olhos, por isso Anethe me escolheu para ensinar o que o homem-pastor lhe contara sobre o Espírito Santo. O vice-versa é para simbolizar o episódio: "*Mas a vida não está no doce, e sim no pão*" ou ao contrário.

Alice era muito querida pela turma e pela "senhorita Ruth Frazão", também em casa e na igreja — sempre ficava com a cestinha de recolher dinheiro.

Eu particularmente a achava muito velha para esse cargo. Este papelão servia apenas para as crianças pobres. Em vez de ir para a caixinha, ia direto para o destinatário.

Pelo menos assim a esmola passava a ter dia e horário, acabando com a desnecessária presença de Al e suas amiguinhas do culto rodando pelo salão com as ridículas cestinhas de palha pintada.

Eu era malvista, todos me achavam um perigo, eu sofria de "motivação egoísta". Uma vez, em mais um daqueles monótonos almoços de sábado, só que com a presença da mais nobre padrão de comportamento, a senhorita Ruth Frazão, Papo sorria, sorria, sorria tanto que eu terminei por rir histericamente de sua cara. Ele ficou furioso, engasgou-se com a massa e derramou o cálice de vinho em minha cabeça.

Eu ri ainda mais, era algo incontrolável, eu queria parar e não conseguia, tudo passava pela minha cabeça molhada e embriagante, me recordei da maneira estúpida de passar a mão no buço negro de senhorita Ruth Frazão. Do semblante de culhão molhado do pastor Ortiz, dos gracejos de Papo

para a bigoduda e da quarta gravidez de mamãe, que era o motivo do almoço.

Al chorava, mamãe fingiu passar mal, Papo me pegou pelo braço e me levou para o quarto.

Nunca apanhei tanto. Bateu em mim com a cruz e depois me abraçou com o pênis razoavelmente ereto, talvez isso estivesse em minha imaginação, mas nesse dia eu senti orgulho de Papo.

III

No dia seguinte, fora marcada uma visita ao pastor Ortiz, somente eu e ele. Enfim minha chance de conhecer a curiosa casa rosa e seu sobrinho "amalucado".

Ainda era cedo quando saí de casa para ir ter com o pastor. Havia uma certa curiosidade mórbida em penetrar num mundo novo e rosa.

Papo me levara de carro e nada falara, muito menos eu que estava deveras entretida em pensamentos pecaminosos.

Pela estrada éramos cumprimentados pelos transeuntes que não tinham costume de ver automóveis, por isso corriam em bandos atrás da gente. Papo acenava sorridente sentindo-se um rei, o rei bom e generoso. Para mim não passava de um grande homem ridículo.

O trajeto me parecia mais longo que o normal. Eu creio que Papo esperava que lhe pedisse desculpas para que pudéssemos voltar para casa e dar por encerrado o terrível episódio.

Mas eu jamais iria perder a grande oportunidade de vasculhar esse lugar estranhamente atraente. Eu sabia que lá encontraria Anethe, impregnada com seu ódio por todos os cantos, impregnada com sua paixão em cada metro quadrado de parede. Sua saliva ainda estaria nos cálices de vinho e a cama do homem-pastor ainda deveria estar com a secreção divina de seu corpo, a secreção do Espírito Santo.

Meu vestido verde ressaltava meu corpo atualmente arredondado, me sentia um sapo entupido de glacê, um sapo entupido de glacê no brejo, sentado no brejo.

Cantei, cantei como havia muito tempo não cantava: “Se tu és minha, eu também sou sua, pula batatinha no meio da rua”.

O homem veio da batata e isso estava claro em meu corpo de sapo. Senti-me um purê. Vomitei.

Quando enfim chegamos, eu estava pálida e gelada, meus lábios estavam roxos como quem morre. Papo me levou para um quarto branco e me deitou em uma cama macia.

Eu não ouvia nada, minha cabeça estava dormente, eu só sentia o ouvido esquerdo e minhas mãos estavam sem vida.

Olhando para cima, percebi que a pintura da casa era recente, apesar de não ter sido bem executada, eu sabia que aquela casa tinha sido azul, Anethe é que exigira a cor rosa. Anethe estava entre o cal e a tinta, eu podia ver sua impressão digital no teto, eu podia ver seus olhos nas manchas mal pintadas, eu poderia tocá-la se não fossem meus dedos. Os meus dedos falharam, eu falhara, ali estava eu gelada, suja de meu vômito enquanto Anethe era esquecida pela casa.

Talvez minha presença estivesse matando Anethe do lugar onde suas moléculas sobreviviam rosas. Eu estava ali expulsando o passado da mulher que foi até Deus depois de receber o Espírito Santo do doce: o pênis.

O doce era o pênis e eu só iria unir as palmas das mãos por submissão a ele. Dele vinha o Espírito Santo, por ele eu tinha que ir a Deus, agradecer, agradecer muito pela glória do prazer, pela glória do segredo que me foi confiado. Por Cristo em forma de secreção orgásmica.

Perdeu-se da casa, agora Anethe estava em mim, meus dedos retornaram a vida, meu ouvido, minha cabeça. Eu era uma mulher e não mais um purê.

Papo já tinha ido e ao lado da cama havia um embrulho com um vestido vermelho, o primeiro vestido vermelho. Eu me levantei, lavei o rosto com um jarro d’água que tinha sido colocado em cima da mesa e me vesti.

Meus cabelos estavam lindos como nunca estiveram, meu corpo, meus lábios, vermelhos como os de Anethe em meu sonho, a vida vinha-me rosa e ali estava eu vermelha como o mundo enquanto gozava em minhas mãos.

Abri a porta e andei até uma sala onde o pastor Ortiz rezava:

Senhor, eu, um humilde servo que há muito não te peço nada, venho até ti com um pedido. Perdoa-me por pensamentos que ignoro, perdoa-me pela falta que tenho tido com o Senhor e teus pastores.

Agradeço-te por me trazer essa jovem que tanto precisa de mim e de minha ajuda, peço-te forças para fazer o que foi escrito por ti, para curar essa linda menina dos caminhos de Satã.

Ajude-me a fazer de sua vida motivo de alegria e orgulho para minha paróquia, ajude-me a não enxergar a sua graça.

Amém.

— Onde está Papo?

Ele virou-se assustado e agredido pela minha interrupção à reza que nesse momento fazia em silêncio.

— Há quanto tempo está aí? — perguntou-me, enxugando a testa que pingava.

— Papo não me disse que eu teria que esperá-lo.

— Não se preocupe. Está melhor?

Acenei que sim.

Sua cara era marcada, seu rosto parecia não ter poros, somente chagas, a barba impecavelmente feita. Apesar dos pelos saindo pela narina, podia-se dizer que seu nariz era o que menos me agredia.

Morava havia muito na cidade, ninguém sabia ao certo de onde viera. Um dia ele chegou humilde, bem vestido, pés grandes, olhos separados e orelhas bem moldadas.

Foi ficando e ninguém se incomodava, comprou a casa que na época era do seu Mathias, velho Mathias que tudo enxergava, menos a leviandade de sua esposa. A bela Romênia, a quarta de uma prole de boas prenhas, só que Romênia não engravidava, já tinha tentado de tudo para pegar filho — simpatia da cegonha, reza da comadre Odite que tivera cento e vinte filhos. Dizem até que o filho mais novo de Odite, ainda vivo, aparece de vez em vez na cidade para tirar a pureza das donzelas que não vão à igreja, por isso toda vez que a cidade sabe de alguém que se perdeu, se diz: "Foi o filho de

Odite que a visitou". É uma boa desculpa para que os pais enfurecidos não cometam nenhuma loucura com os rapazes da vizinhança.

De nada adiantava, Romênia vivia em função de tentar e o velho ia perdendo a força. Dia e noite eles tentavam.

Até que um dia parou, o velho pifou. Naquela noite, os homens da cidade sentiram um fervor entre as pernas, um comichão nos culhões e todos se banharam a madrugada inteira com água de colônia.

A cidade ficou perfumada, o velho só fazia chorar e Romênia ficava mais linda e dengosa. Pela cidade foi tentar ficar prenha, dizem que nenhum homem deixou de acalentar a dor da linda moça que queria ser mãe.

O velho Mathias chorava e pensava, muitos até hoje discutem sobre o que ele falou. Não queria enxergar, por isso tantas lágrimas e poesias que falavam sobre morte, melancolia, desgraças e seres hermafroditas.

Recitava poemas ou escrevia em pergaminhos e distribuía de casa em casa, nenhum homem às terças-feiras abria as portas, porque sabiam que era o dia da distribuição de angústia, que o sábio Mathias pregava. As mulheres a cada dia amanheciam inchadas de tanto chorar.

Não importava a hora, o depósito da quitanda do seu Nicanor era um lugar de contínuo movimento, ele cobrava três galinhas por hora. As galinhas foram sumindo dos quintais e seu Nicanor enriquecendo, vendendo galinha gorda por atacado na cidade vizinha.

A publicidade foi crescendo, a cidade também, Romênia não cansava, seu Nicanor então abriu uma hospedaria com o dinheiro das galinhas.

A cidade progredindo, ficando cada vez mais rica e próspera. Nessa época, Papo era um menino-moço, tinha dezesseis anos e usava calças curtas. Até mesmo ele um dia me confessou, em um delírio alcoólico, que não tinha escapado da fúria e do encanto de Romênia.

Nem os mais recatados tinham coragem de ir contra a "síndrome das galinhas", assim era chamada pelas mulheres. Ela era o motivo de tanta riqueza para todos e principalmente para seu Nicanor.

Um dia Mathias descobriu algo em suas poesias, ficou ereto aos setenta e oito anos.

O velho chegou em casa excitado, nem suas duas filhas gêmeas, de seu primeiro casamento, escaparam; Romênia enlouqueceu com a potência do marido, que a engravidou. Nove meses depois, Mathias era pai de quatro crianças, sendo que duas eram suas netas também.

Romênia, depois de parir gêmeos, nunca mais foi vista sem seu véu. Uma das filhas de Mathias se suicidou após três meses do nascimento de um menino. Ela se chamava Maria Angélica. O menino, eu nunca soube.

A outra filha gêmea de Mathias era Maria Amélia. Fugiu com o filho e o caixeiro-viajante, que nunca tinha se casado por ter nascido sem pênis e por isso era chamado de Joca, o Puro.

O velho Mathias, depois da falência na cidade, foi expulso junto com Romênia e os três filhos — um deles também neto.

Vendeu a casa para o pastor Ortiz, que dois anos depois dava o primeiro sermão na igreja que ele mesmo construíra.

— Em que você tanto pensa?

— No quarto em que seu sobrinho deve estar. Ele deve ser muito triste trancado assim. Em sua idade deveria estar ao ar livre, sentindo o cheiro de azeite.

Esse último comentário decerto ele não entendeu.

— Ele já tem idade suficiente para decidir se quer pegar sol.

Isso queria dizer que ele já tinha idade suficiente para ter vontade própria.

— Ele não saiu de casa nem quando foi pintada de rosa?

— Ele pintou a casa.

Nesse momento, tudo mudou em minha mente, então Anethe nada teve com o pastor-homem e sim com o sobrinho.

O misterioso sobrinho que tem idade suficiente para seduzir a professora e levá-la ao suicídio, se enforcando no topo da montanha perto de minha propriedade.

— Eu poderia vê-lo?

— Nós estamos aqui para que eu possa ajudar você a passar de menina a moça sem que isso lhe faça mal. Sem que tenha motivações erradas e

maldosas. Eu a vi nascer, a batizei, a expus ao Espírito Santo e sou seu pastor. Cabe a mim aconselhar você e lhe dizer o que é certo ou errado, o que pode ou não pode.

Nesse instante, percebi o quão maniqueísta era o mundo religioso.

— Sua mãe eu vi moça, assim como você, eu a entreguei a seu pai, pura como a Virgem Santa. Eu blindei a sua mãe dos maus caminhos, para que ela pudesse ter filhos e criá-los com toda a moral que uma família religiosa deve ter. Seu pai se faz digno e puro para a sua mãe, que o desposou pela conveniência de Deus. Nina, você já é moça, pura e prendada, que está confundida pela idade e corpo. Só que deve se lembrar sempre de que a mulher foi criada para gerar e não para ter prazeres promíscuos ou necessidades impuras. Para que assim possa honrar o nome de seu pai, seu marido e, futuramente, seus filhos. Sem se deixar levar pelo corpo, o corpo deve permanecer lacrado até que Deus dê a sua bênção e seja aberto. Assim como um broto desabrocha e vira uma rosa, porque Deus quis, só porque ele quis. São por esses e outros princípios que seu pai pediu-me para lhe dizer que, para não causar transtornos, deve desposar o filho primogênito dos Mendes. O jovem Rodrigo Mendes já foi informado e aceitou prontamente ser seu companheiro pelo resto da vida com a presença do Senhor. Ele é um rapaz prendado, saudável e irá lhe proporcionar muitos filhos, que se Deus permitir irei batizar. Esperamos que esteja de acordo com a nossa decisão. Eu quero ver meu rebanho no caminho do Espírito Santo. Temos então que ter sede e nos purificarmos em oferenda à sua bondade.

— Eu aceito.

Ele sorriu espantado com a rapidez que concordei e me abraçou com uma certa distância.

— Mas só se me deixar ver o seu sobrinho.

Olhou-me pasmo, silenciou pensativo e por fim disse que sim.

— Porém não hoje, outro dia.

Papo foi me buscar com vários presentes e sorrindo voltamos para casa contar as boas novas para os outros. No dia seguinte, troquei todos os

vestidos por outros vermelhos.

Desde então eu só aceitava vestidos vermelhos. Papo contestou de início, eu o indignei lhe dizendo:

— Somente assim desposarei Rodrigo Mendes.

Passou a mão no bigode já grisalho e lançou ardilosamente sua última proposta:

— De acordo, mas você casa de branco.

Dei-lhe um beijo, o último.

Alguns meses depois, Papo ofereceu um grande e farto almoço de noivado. Os Mendes compareceram a rigor. Frederico Mendes, o meu assisado sogro, trouxe-me flores e doces, Esther, sua esposa, me analisava com olhos severos, Catarina, a filha caçula, marcou sua presença astenia, tossindo durante todo o almoço.

O meu digníssimo noivo não poupou esforços gramaticais no discurso feito ao pedir minha mão. Mamãe chorou, Al se mostrou aliviada e Gregor demonstrou sua indiferença por não entender bem o que se passava.

Eu me sentia como Gregor, sem entender absolutamente nada. Por que aquela criatura falante tanto discursava para pedir o que lhe foi entregue antes mesmo de eu aceitar?

Por que aceitei? O sobrinho do pastor talvez não valesse o sacrifício. Enfim, não me importo nem um pouco de me casar com esse imbecil. Não tenho intuito com a vida futura.

Tudo me parecia tão factício, eu só tinha cabeça para pensar na deformidade que a barriga de mamãe ficava a cada gravidez. Lá estava ela, novamente inchada. De uma coisa eu sabia: eu jamais teria filhos.

No discurso ele comentara como se sentia honrado por estar noivando com a filha mais velha dos Tiengo, que faria de tudo para nunca decepcioná-los, sendo um bom marido e pai. Terminando o texto com a seguinte frase: “O que hoje é admiração, um dia se tornará amor e terminará como uma fiel cumplicidade de anos”.

Se eu não estivesse tão entretida com a barriga de mamãe, certamente me envergonharia com a papagaiada que fora proposta.

No término do almoço, mamãe chamou-me à cozinha e disse-me ao pé do ouvido:

— Não o beije por enquanto, deve demonstrar respeito e dignidade. Quando o fizer, que não seja na frente de Papo, de seus irmãos ou do pastor Ortiz.

Beijou-me na testa, chorosa.

— Boa sorte!

Tive vontade de chorar também, mas a preguiça impediu que a sensação se consumasse em lágrimas.

Após o almoço, caminhei com meu noivo até a criação de galinhas. Beijei-lhe com sofreguidão.

Mais tarde, brinquei com meus dedos, pensando no velho Mathias, no Geremias (o filho da comadre Odite) e nas galinhas gordas do seu Nicanor. Quando alcancei o Espírito Santo, gozei alto, Gregor chorou.

Ficara combinado que nos veríamos duas vezes por semana, às segundas e quartas, quiçá aos sábados se houvessem almoços com o pastor Ortiz e a senhorita Ruth.

Ah! E aos domingos na missa.

Ele chegava ao entardecer, esperava paciente minha chegada na varanda segurando a linha, enquanto mamãe bordava os malditos sapatinhos de bebê.

Papo nos buscava na escola após fechar a mercearia. Íamos cantando: “O anel que tu me deste era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou”.

A alguns metros de casa, me trancava em um silêncio acabrunhador e sentia o fardo de ser noiva.

Rodrigo Mendes pulava da cadeira eufórico, magrelo, passando as mãos nos cabelos ralos e escorridos. Sempre com a mesma expressão de quem perdeu as chinelas.

Sobrancelhas finas, olhos pequenos e lábios brancos. Trazia-me bombons, biscoitos e livros. Os livros eu recebia de bom grado, as

guloseimas eu dava para meus irmãos, nunca fui chegada a atitudes glutonas.

Nessa época, descobri que o mundo era quadrado e que pertencia aos que dormem tarde. Na noite se vive, de resto somente se respira.

***

Jesus, tu és bom, tu és cheio de graça, nós queremos que o teu caráter seja o nosso caráter, queremos que tu enchas a nossa vida de ti.

Que nossa vida possa ser como a tua vida, cheia de amor, de gozo, de paz, de paciência, de amabilidade, de bondade, de dom nio próprio. Cheia de frutos do Esp rito Santo. Esp rito Santo, eu lhe peço agora que prepare nossas vidas para a morada que é dura.

Logo pensei em um pênis.

Cheias de amor por Deus, abra sua vida para o Senhor, para o amor, não o amor dos homens que amam aquilo que te ama.

O Senhor diz: "Que se vocês amam aqueles que te amam, não fazeis nada demais do que todo mundo, o mundo conhece esta face do amor. Eu falo o amor de Deus".

Esse amor nem todo mundo conhece, é desse amor que deves se orgulhar, não do amor perante os mortais.

Senhor, chegue até nós como dádiva divina, nós entregamos nossas vidas a você, nós o amamos, o idolatramos. Nós clamamos o seu nome, nós clamamos por você.

Nós pedimos perdão pelos nossos pecados, porque todos nós somos pecadores, todos nós somos cruéis com o Senhor.

Eu jurava que era somente eu.

Seu filho foi crucificado por nós, somos os assassinos de Jesus, por isso devemos nossas vidas a Ele, devemos entregar nossos corpos a Ele.

Para que Ele tenha vida em nós, não sejamos ego stas pensando sempre em nossos prazeres, pois nosso corpo pertence a Ele e a mais ninguém.

Nós somos dele, somente por Ele vivemos, para Ele, por causa dele, temos que ser fiéis ao seu amor, por nós Ele morreu, por Ele temos que viver, viver da maneira que Ele deseja.

Jesus Cristo vive em cada part cula do nosso corpo, tem que viver em decência por Ele, por isso vamos rezar:

Meu pensamento está em ti, Senhor (4x)
porque tu me dás a vida

porque tu me dás o existir
porque tu me dás carinho, me dás amor (4x)
minha alegria está em ti, Senhor (4x)
minha fortaleza está em ti, Senhor (4x)

***

Começo a desconfiar de tudo que sei sobre o amor.

O que sempre conheci dele foi o que meus pais e o pastor falaram.

Para os dois primeiros, amor era a convivência dos anos e o número de filhos batizados; para o pastor Ortiz, o amor dos mortais é vulgar e fácil de ser sentido.

No amor dos contos, tudo é lindo e belo. Desconfio da beleza e dos finais felizes convincentes, desconfio dos príncipes encantados e da validade das bruxas, sempre tão burras e derrotáveis.

O amor que quero descobrir não está no canto dos pássaros, nem no brilho enjoado da lua, muito menos nos sermões para Deus. Não se encontra amor em uma borboleta, como nas poesias que Rodrigo Mendes me traz. Amor se encontra no sexo, mas no sexo que desconheço e penso em breve conhecer.

Por onde, enfim, começar? Talvez, se eu descobrir que a lua é feita de queijo, ou se provasse que rios são lágrimas de arrependimento de Deus.

Mathias, velho Mathias, sim, ele era o único que poderia me entregar o ingresso dourado para o inferno. Ou pelo menos me ajudar a encontrá-lo em uma barra de chocolate premiada da *bomboníère* de Julia Passos.

Por onde começar a procurar a "destruição de angústia"? Seria clichê demais achar que poderia estar no porão? Enfim, amanhã confirmarei minhas dúvidas procurando.

Hoje abordarei Rodrigo Mendes para saber se o imbecil poderá me ajudar a encontrar algo, alguns pergaminhos.

Exatamente no crepúsculo cheguei em casa após mais um dia naquele colégio de bobos e da medíocre buçuda senhorita Ruth. Meu digníssimo noivo esperava-me na varanda. Tratei-lhe com a delicadeza de uma mulher

que espera conseguir algo, algo que somente as mulheres delicadas conseguem, um presente, as poesias do velho Mathias.

Alguém em algum lugar teria que ter os pergaminhos do velho, aquilo era tão importante para mim que minha fixação levou-me a cometer um ato desmedido: deixei Rodrigo Mendes ver meus seios.

Tínhamos acabado de jantar, Papo nos deixou a sós na sala onde mais tarde passei boas horas de minhas noites lendo. Não conversamos muito, ele me olhava e eu olhava para as olheiras dele, ele abaixava a cabeça nas mãos, pensativo, na verdade esta era a maneira de direcionar seus olhos nos meus seios, assim como eu fazia para buscar algumas respostas que eu não conseguia solucionar nas provas de biologia.

O meu vestido tinha botões encapados de cima a baixo, mas só abri até o ponto de sutil aparição do meu ventre.

Ele corou de vergonha e desejo, pensei naquele momento que, afinal de contas, eu não o odiava, apenas o achava bobo e inexpressivo. Pensei que era uma grande crueldade o que eu estava fazendo, não me recordo de ter sentido pena dele nunca mais depois desse dia, o dia em que tive certeza de que enfim eu leria as poesias dos pergaminhos.

Ficamos ali por um tempo grande, ele parado, estarrecido, tentando esconder o pênis já ereto. Lembrei--me de Amenaíde, que estava na cozinha tentando desvendar a fórmula de um novo líquido que surgira em uma cidade que Papo pernoitara em uma viagem a negócios.

Senti vontade de beber o tal líquido gasoso, por isso fechei o vestido e saí da sala, deixando-o sozinho tempo suficiente para que em minha cabeça não ficasse a dor da consciência de interrompê-lo em seu autoprazer.

Mas foi em vão, eu esqueci que ele era bobo o bastante para aproveitá-lo. Lá estava ele sentado do mesmo jeito que eu tinha deixado, nada foi comentado, fiquei tão irritada que me lembrei do sobrinho do pastor e da promessa que fiz a Papo de me casar de branco.

— Você já leu alguma coisa do velho Mathias? Tenho uma certa curiosidade sobre o assunto, eu queria tanto ler.

— Não, nunca tive o desprazer, eu não sabia que se interessava por essas coisas. Papo sabe dessa sua vontade?

— Sim, mas espero que mesmo assim não comente nada. Seria constrangedor e desnecessário.

Menti para amedrontá-lo.

— Creio que poucas pessoas guardem aqueles tolos papéis. Havia uma tia da minha mãe que guardou alguma coisa da época, mas já morreu há quatro anos.

— E o que foi feito das suas coisas? Alguém deve saber.

— Eu.

— Eu o quê? Você por acaso está querendo me dizer que…

— As coisas de tia Melina estão no porão de minha casa.

Às vezes as coisas não são tão fantasiosas quanto um autor planeja, tudo tão desnecessariamente perto.

No dia seguinte, estavam em minhas mãos os pergaminhos do velho Mathias. Tudo que aprendi foi nos sermões e nas poesias, nada na escola.

Rodrigo Mendes me entregou uma caixa preta, dentro estavam os papéis que eu tanto necessitava ter.

O jantar transcorreu longo, a reza de agradecimento foi maior do que nos outros dias, tudo estava maior. A barriga de mamãe, as orelhas do meu noivo, os olhos de Gregor, somente Al continuava pequena, ela sempre fora pequena, depois da infância viemos a descobrir que era anã. Bem feito.

— Amém — falou Papo inspirado.

— Amém — respondeu o coro ridículo.

Só abri a caixinha depois da despedida de Rodrigo. Subi correndo para o meu quarto, encaixotei todas as minhas bonecas e entreguei à Amenaíde, que era a nova criada, substituta de Petita — que nos deixou para se casar com um "macumbeiro", como disse mamãe.

Retornei ao quarto e me senti aliviada sem aquelas bonecas todas me olhando, me seguindo a cada movimento. Eu não precisava mais vendá-las quando fazia o método da busca ao Espírito Santo. Agora eu estava sozinha e ninguém poderia imaginar que, a partir daquele momento, eu nunca mais

retornaria à ingenuidade do tempo em que pensava que as bonecas viam o meu prazer antes de dormir.

Os pergaminhos estavam amarelados do tempo, amarrotados pelo desprezo alheio. Agora eles me pertenciam e eu os guardaria como os apóstolos fizeram com a história de Cristo. Mas comigo seria diferente, não haveria nenhum pastor Ortiz para deturpar a real mensagem.

Eu não permitiria que fizessem com o velho Mathias o que fizeram com Deus, ridicularizando-o a cada refeição.

As poesias do velho não seriam desrespeitadas como foi o Espírito Santo. Se Deus fosse exclusividade dos poetas, Ele seria bem entendido, sua mensagem não teria terminado em um agradecimento glutão na hora das refeições.

As poesias do velho não seriam desrespeitadas.

Eu beberia o sangue dos santos assim como a Babilônia fez, pois só como vinho eles prestam, somente em cálices eles têm valor, somente assim devemos lembrá-los.

Dessa vez tudo seria solucionado, o amor, o sexo, Deus. Anethe devia estar feliz me vendo com o Espírito Santo e Mathias.

Para todos os homens deixo meu pranto,
fragmentado em cada lar que more um tolo.
Nos outros dias da semana,
deixes o sofrimento para mim
que sou velho e desgraçado.
Porém nas terças,
farei de vocês
mortais bestas
... poetas.

Mathias

Essa era a introdução de uma série de poesias. Eu não imaginava que fossem tão belas, não imaginava que existisse amor tão lindo. O mundo me veio por papéis amarelados, gastos pelo mau trato, gastos pela não compreensão do homem.

Meus olhos permaneceram molhados durante toda a leitura. Poesia, as palavras de um velho que me diziam tanto, quantas coisas passei a entender.

Entender o porquê do pudor imoral dos homens, o despudor da visão que todos fizeram de Romênia, tudo para mim era um conto maldito, assim como tudo para mim deve ser, como o amor deve ser.

Reli várias vezes, insaciável e apaixonada por cada frase, cada som final, cada música que as poesias produziam.

Nunca tinha visto nada tão belo, nem o sol, nem a vida era mais bonita no real, somente naqueles papéis vi a beleza dos sentimentos. Os sentimentos me foram esclarecidos por poesia.

Eu soube então que eu viveria a poesia, assim eu iria viver, pois assim as coisas me vinham belas, a morte me vinha bela, até o pastor Ortiz poderia ficar belo, por palavras de poesia, a serviço da poesia.

Chorei.

Vejo Romênia lavando os cabelos
na pia de mármore.
Viveria mil anos
somente para vê-la
ali molhada ao ombro.
Banhando minha vida
e perfumando meu sofrimento.
Tão bela e respeitosa
com os bicos dos seios arrepiados,
enrijecidos
por bolhas
de sabão
de rosa.
Vale-me o pranto
E a poesia.
Os tolos não sabem o que é ver
Romênia na pia de mármore,
lavando os cabelos.

Mathias

Na piça ela clama a dor

de seu útero desgraçado.
Ela é bela
e eu, velho.
Os homens são tolos objetos
de minha frustração.
Eu choro e nas terças
morro
de rir da vergonha do povo.
Do sacrifício
de minha Romênia
nasce a beleza
mais pura
de uma mãe.
Ela é virgem santa
e dela vem o verdadeiro amor,
piça!
Eu choro por isso,
rio dos tolos
e ainda hei de morrer
na terça-feira.
Morrer morrendo
persisto sagaz.
A descoberta do elo
entre Romênia e Deus.
Descobri muitas coisas
na busca…
e encontrei razões
que nem mesmo Pã
me conseguiria explicar.
Mas disso não conto,
Não conto
e não conto.
— Por que fazeis desdém
da capacidade dos homens?
Deus me perguntou outro dia,
enquanto eu conversava com
o útero de
minha Romênia.
— Meu desdém não é pela capacidade,
sim por eles.
E o útero riu de mim.

Mathias

Se os homens enxergassem
a poesia,
Romênia seria santificada
pelo Papa
papão
beijando chão a chão
... como sofre então
o meu coração.

Mathias

IV

Acordei como todos os dias me era necessário acordar, deu-me vontade de realizar o último pensamento que tive ao dormir, falar por rimas. Logo percebi que não conseguiria nada, apenas passaria por louca. Calei minha vontade e me vesti.

Papo nos esperava no carro mal-humorado, mamãe nos beijou um beijo aleijado pela barriga, mas nada me incomodava, realmente nada poderia afetar a minha nova visão das podridões da vida, eu tinha uma maneira sensual de observar as coisas, nem mesmo a ignorância de meus familiares me agredia tanto, nem as olheiras de meu noivo.

Dessa vez a imbecilidade anã de Al me passou despercebida e descobri que por trás dos olhos vesgos de Gregor, havia algo inteligente na sua maneira de enxergar as coisas. Percebi o quanto eu gostava daquela criança raquítica, a sua tosse seca, "de cachorro", me criava uma sensação de intimidade, criava ritmo assim como as poesias que eu li.

Dei-lhe um beijo ao me despedir. Gosto da maneira torta que ele me olha, é o único que me olha com poesia.

Era um privilégio poder ver o mundo daquela maneira. O carro de Papo foi se afastando, eu fui sentindo uma melancolia, um desleixo pela vida, uma angústia poética, desmaiei…

Fui levada para o ambulatório, todos me olhavam como se eu estivesse com o rosto de um monstro. Al na porta com duas amiguinhas igualmente medíocres riam baixo, eu não conseguiria me controlar, eu não tinha que me controlar.

Taquei um vidro de álcool que estava na mesa ao meu lado, ele se espatifou na cabeça de uma das meninas, sangue, cheiro de sangue, sangue da cor de minhas vestes, sangue nas paredes, sangue, sangue, sangue, sangue, sangue, sangue, sangue no tapete e no teto.

Miolos, por todos os cantos, grudados no salto do sapato de senhorita Ruth, miolos entre o algodão, no sanduíche da servente que passava comendo, no líquido gasoso que Papo descobrira. Miolos em meus dentes.

Por pouco o vidro não acertara a cabeça de uma das amiguinhas de Al, indo se espatifar na parede.

Dormi, sonhei que mamãe tinha parido uma cobra de duas cabeças, sendo que uma usava óculos. A cobra estava envolvida por um manto escarlate assim como a prostituta do apocalipse. Eu subia uma grande escadaria, a porta estava entreaberta, eu entrei lentamente, me aproximei, levantei o manto e gritei.

Papo fora me buscar mais cedo, tudo continuava igual, nada de bebês-cobras, nada de miolos entre os dentes.

Um calor terrível, bichos em volta da lamparina perdendo asas. Chegamos em casa, Amenaíde apareceu esbaforida na porta da sala, gritando, mamãe sentia as dores do parto e tudo novamente teve início. Leite, cheiro de leite, leite coalhado.

Nasceu um menino gordo, o calor era grande nessa época e os cupins deixavam suas asas por todos os cantos, dezenas de insetos voavam em circunferência em qualquer luz acesa, o que me dava medo, pois a dúvida do que era pior me injuriava, ou os malditos bichos ou o escuro.

O bebê chorava pelo calor e pelas brotoejas que ele causava; duas semanas se passaram e ninguém havia decidido o nome da criança, por fim Papo o denominou Douglas.

Eu particularmente achei "Douglas" péssimo, um som fechado e ostensivo demais para um bebê.

Os bichos continuavam sua metamorfose por todos os cantos. Por cima dos móveis, asas espalhadas, bichos entre as frutas, bichos entre as roupas,

entre os dedos dos pés. O escuro era a melhor solução, para quem não tinha medo de escuro. Para quem tinha, não havia melhor solução.

Por essas e por outras, a vontade da morte muito me vinha à cabeça. Eu comecei a sentir súbitas melancolias, súbitas tristezas e uma angústia permanente.

A morte, ou pelo menos pensar nela, era a única possibilidade de esquecer por algum tempo os cupins e suas asas por cima das camas.

Toda a cidade estava acabrunhada pela invasão dos animais, que de voadores insistentes passavam para rastejadores inconvenientes. Assembleias foram formadas em prol da nossa libertação dos insetos.

Tomavam conta de todas as casas sem piedade, Amenaíde trouxe-me um chá para me acalmar e deparei com um deles boiando no líquido quente. E o fim, o início do fim, a invasão dos malditos predadores de asas conseguiu nos derrotar.

Pode ser que eu esteja exagerando, mas a dor de minha impotência perante os fatos criam-me bolhas no coração, ser obrigada a conviver com essas pessoas plastificadas, mamãe com sua barriga elástica me dizendo o que devo comer, Al e sua mania anã de querer me ridicularizar entre suas amigas do colégio, Papo como um jacaré dissimulado de homem, é fácil demais viver pelas ordens de um pastor, viver com as opiniões dele, com as crenças dele. O pastor tem a função de pensar pelo seu rebanho.

Cada pessoa tem para si sua opinião de certo e de errado, meu pai é um daqueles que não consegue chegar a nenhuma conclusão. Ele necessita do pastor Ortiz até para gozar, se para proliferar não precisasse de esperma ele decerto nem gostaria, apenas colocaria o pênis no seu devido lugar e esperaria os óvulos de mamãe fazerem o resto.

Todas essas pessoas tão necessitadas de um pastor. Incapazes de chegar a uma conclusão sozinhas, incapazes de viver sem alguém que lhes diga o que fazer, como pensar ou olhar o sol.

São exatamente essas pessoas com quem sou obrigada a conviver, essas pessoas que precisam de um pastor Ortiz como guia de suas ânsias e desejos.

São dessas pessoas que deveria me orgulhar, uma mãe que crê na pureza e submissão eterna da mulher, um pai que entrega de bandeja e luvas os seus filhos a um pastor ou a um marido, o que é o meu caso.

Al me envergonha com seus dedos minúsculos, e seu cérebro burro, eu a odeio por todas as cestinhas que já recolheu na igreja, por cada risinho de agradecimento. Ela e suas amiguinhas em competição para ver quem arranja mais dinheiro, a cestinha que está mais farta.

Isso é prostituição, só eu percebo, cada sorrisinho medíocre, mais algumas notas e moedas, orgulho para meus pais, para senhorita Ruth, para o pastor e a comunidade de Deus.

Pois que vão todos para o céu brincar de roda e sortear o que é certo ou errado, enquanto descubro o mundo por poesia e sensações, andando de navalha no escuro, navalha afiada em sentimentos.

Quero que todos se cansem de tantas dádivas eternas. Quem vive em função da vida eterna é um mortal que cai no ostracismo.

Eu sou imortal, pois não vivo em função de nada, na Terra serei imortal e fora dela nada serei, além da lembrança que aqui ficar ou o eco das minhas opiniões. Assim como o velho Mathias ficou para mim.

Aqui estou eu, vivendo em morte a minha poesia, lá estão eles, morrendo em vida eterna, pois são uns covardes e precisam explicar o inexplicável que é nascer, puro e simples, nascer.

Penso em morrer, acho que já dei início ao meu suicídio há muito. Imagino Al chorando arrependida pelas risadinhas no ambulatório, desesperada.

Seria a primeira vez que ela perderia a compostura, a complacência. E seria lindo vê-la em sua *mise-en-scène*, tentando demonstrar que não fora tão ruim assim. Chorando para compensar as gargalhadas que dera quando na infância caí com o vestido novo na lama.

Com a morte irei emergir da lama e subir aos céus de vermelho como uma deusa, uma santa.

Só não coloque moedas debaixo de minha língua, posso engolir quando o santo guardião do reino bater a porta em minha cara. Nem guarde

fotografias em meu caixão, de vocês somente quero margaridas e desespero, muito choro e desmaios, assim como os que tanto dei.

Como santa maldita e contrária às outras, quero partir depois da festa, depois dos suínos serem mortos e das maçãs serem disputadas.

Quero morrer depois de um beijo de pecado, quero morrer despudorada.

Não conto piadas
nem rio delas,
sou motivo de tantas.
Fiz da vida
praça de esqueletos
com insônia.
O tédio vivo,
amargando o doce
por minha
velha
saliva.
Em minha rua
moram os
ébrios
que cantam
canções de dor,
como uivos
de lobos bêbados.
As tamancas
de Romênia
no canto
do quarto,
o seu sorriso tolo
quando me chama sem voz
para dormir em minha
cama de insetos
amontoados
e gordos
do nosso próprio
sangue.

Mathias

Não acredito em Deus,
mas por ele
silencio
toda noite.
Somente vivo ao seu lado
por capricho
do destino.
Que de Romênia
roubou um
beijo
e
de meu coração
fez desleixo.
Um pobre velho sonâmbulo
dos fatos
e
mentiroso
nas prosas.
Pesquei um peixe
de três metros.
durmo em cama
de pregos
e sou doutor… dos amores frustrados.

Mathias

Quero banhar os homens de mim, quero a cidade perfumada de Romênia e quatro amantes segurando a alça de minha cama preta.

Péricles, o meu amor de infância — que me chamava de banana-enferrujada —, quero-o também.

Douglas chora desesperado e come da mesma maneira que chora. Como odeio Papo serelepiando com o novo filho nos braços.

Realmente eles se parecem, Greo é diferente, desprezado e esquecido.

Rodrigo o chama de sagui magro, mas não permitirei que isso se repita, Greo é um menino inteligente, passa o dia a desenhar nas paredes do seu quarto — mamãe já bateu nele, mas não adianta — e a noite a esfregar pano molhado para limpar os desenhos.

Gosto de Gregor e irei lhe pedir para que desenhe nas paredes do meu quarto.

Quero morrer.

O primeiro foi seu pai,
o segundo seu irmão...
lá vem Romênia
de mão em mão.
O terceiro foi aquele...
Romênia
minha bela
chorou astenia, solidão.
Por entre
lúgubres,
lamúrias,
canções que não gosto
e cigarros de palha.
Tenho cara de peixe,
meu pai já dizia.
Desde menino-moço
faço bico a
cada tragada
de bebida
amarga.
Bebo meu pranto,
sou um poeta
que o tédio criou.
Por mero acaso de uma trapaça de jogo.

Mathias

Domingo haverá uma procissão, todas as mulheres usam véu no rosto, eu gosto disso. Parece-me uma homenagem a Romênia.

Os homens seguram as velas e as crianças se vestem de anjo.

Será o primeiro ano em que usarei véu, isso me deixa — até certo ponto — orgulhosa. Achava-me ridícula com aquelas penas todas a me dar alergia.

É o dia da padroeira da cidade, “menina Lurdes da montanha”, vó Maroca falava-me dela com orgulho. O seu milagre foi fazer a chuva parar, vó era ainda criança.

A chuva caía havia quatro anos, todos os dias, só parando de meia-noite às quatro da madrugada.

Era a hora em que todos saíam de casa, a hora da promiscuidade, havia muita dança e nenhuma igreja, as crianças brincavam à luz da lua.

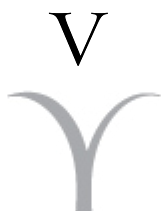
Eram magras e brancas, os homens bebiam e a vaidade das mulheres crescia.

Ninguém saía de casa no resto do dia, somente Lurdes que andava sozinha pela montanha todo dia, cantando cantigas de criança: "Quem me dera que/ eu achasse /um bichinho /bonitinho. /Quem me dera /um grãozinho /amarelinho. /Quem me dera que /eu achasse /uma folha bem verdinha."

Cheiro de vela queimada, as mãos dos homens cobertas de películas de cera, o bumbo ecoando em meu pensamento. As mulheres ficam belas de véu, as crianças como galinhas espertas andam mais rápidas, para confundir os adultos que cantam ardorosamente: "Sai demônio, sai, / Em nome de Jesus /Sai demônio sai, em nome de Jesus. /Cura divina, milagre do poder. /Jesus está conosco, Jesus irá vencer."

O bumbo marcando o compasso do meu coração em ritmo histérico, não consigo pensar.

V



— Não me sinto bem, irei voltar à igreja.

— Você está branca como as velas, gelada como o rosto das crianças que correm afoitas.

— Não é nada, apenas uma leve indisposição. Eu retornarei para a igreja.

— Quer que eu acompanhe você?

— Não é necessário, me sinto melhor, nos encontramos na festa no salão da paróquia.

Meus dedos estavam endurecidos como gesso, a boca seca como minha terra em dias de verão, náuseas, náuseas do mundo, de mim, cansaço profundo de tudo, cansaço do tédio e dessa tristeza persistente que me acompanha como sombra ou alma.

A igreja vazia, a voz do pastor Ortiz ecoando pelo uso constante dos anos, a mesma igreja do meu batismo, do batismo dos meus irmãos e de tantas outras crianças.

Preciso beber algo, careço molhar meu rosto e minha nuca, retirei minha anágua e a coloquei dentro do confessionário, não podendo me esquecer jamais de tirá-la de lá.

Seria engraçado o pastor encontrá-la, certamente ele se excitaria, ou melhor, uma daquelas fanáticas senhoras magras, com os antebraços dependurados e marcados pela Bíblia. Todas tão molengas como bolas murchas ou testículos de homens idosos que não tiveram como hábito as ceroulas, mulheres sem brilho nos olhos e tendo esses tão opacos.

Seria realmente engraçado minha roupa de baixo sendo descoberta por uma delas, iria entregá-la ao pastor com olhar velho de repressão e piedade. Esse a levaria para casa e passaria a noite cheirando-a e esfregando-a em seu corpo, depois rezaria ajoelhado em pregos para ser perdoado por tais pensamentos e atitudes pecaminosas.

Ri de meu pensamento e a risada se formou num eco distante, assustador e irônico.

— Eu introduzo a palavra do Senhor em gritos histéricos, o líquido de Cristo está em meu corpo. Quem dele beber terá vida eterna, porque em mim está a fonte de vida eterna, em mim só há doces e Deus vem a mim para que então eu lhe agradeça lendo poesias. Deus, eu te amo!

Minha última palavra ecoou profundo. Até hoje eu poderia escutá-la e a escuto quando durmo em forma de desmaios.

Dancei no altar, no altar deveria sempre ter um corpo de balé durante os sermões do pastor, eu iria propor essa ideia, depois percebi que além de não ser aceita eu passaria por ridícula e me cansaria. Realmente não tenho apreço a nenhum tipo de cansaço que não seja em busca do Espírito.

Por isso, desci do palco e novamente me senti tonta, era melhor eu sair da igreja.

No salão onde a festa terminaria, estavam os alimentos que cada família trazia, sempre as mesmas coisas: docinhos do céu, fios de anjo, babas de deus, a escuma de deus.

Chega enfim o momento carburante, a quadrilha, o baile.

Rodrigo Mendes pediu permissão aos pais para fumar em público e eles negaram, alegando ser costume de homens à toa.

Do salão vejo a casa rosa, o sobrinho achará graça de todos nós, principalmente de mim, acompanhada por um homem que não fuma em público por causa da imagem.

Ele deveria saber que não sou como eles, como os outros, e perceberia no meu olhar.

— Enfim uma pessoa que prefere a noite ao dia!

— Podemos tomar uma taça de vinho. Os andarilhos de Lurdinha, a menina boba das montanhas, devem ainda estar no meio do trajeto.

— Preciso lavar meu rosto, eu poderia entrar rapidamente?

— Entre, nobre visitante.

Acompanhou-me até o lavabo, entrei e senti um súbito arrependimento. Lavei-me rapidamente e lembrei da anágua. Eu deveria sair dali e era isso que eu iria fazer.

Abri a porta e me encaminhava até a saída quando fui surpreendida por duas taças de vinho numa mesa em uma sala repleta de livros. Entrei.

Não, eu não desprezaria a oportunidade de conhecer o homem que era o motivo do meu casamento, o homem que me fez noivar sem nada saber.

— Nomes são simples títulos que inventamos para facilitar a compreensão dos diálogos, para que o receptor da mensagem se posicione como tal. Isso é para evitar confusões em grupo. O homem tem o péssimo hábito de recorrer à massa para poder fortificar a sua opinião. Enfim, me chamo Bastian.

Deu um longo gole de bebida, e a partir de então ficaria clara a sua intimidade com o vinho. Eu nunca tinha visto nada tão lindo, a cumplicidade do homem com o líquido.

— Nina, eu sempre pensei no meu nome como um simples desejo dos meus pais, creio que já os meus irmãos são denominados como gado, dependendo do número marcado em seu corpo, pode-se saber a qualidade da carne ou a idade do animal.

O meu olhar percorreu as prateleiras, tantos livros, seria possível que alguém pudesse ler tanto?

— Você leu todos os livros das prateleiras?

Ele riu irônico, fiquei irritada, afinal de contas acho que nada de errado falei, me lembrei de Al e realmente fiquei furiosa.

— O que há? Falei algo engraçado?

Ele riu ainda mais, senti o que Papo deve ter sentido naquele almoço com senhorita Ruth.

Fiquei arrependida do que fizera no passado.

Levantei-me e ele continuou sentado, mas sem rir, pensei inicialmente em ir embora, hesitei e caminhei segura até a estante.

Deparei-me com um livro de poesias, peguei-o e folheei, fechei, recoloquei no seu devido lugar e sentei.

— Aprecio muito poesias, tenho um desejo entranho de falar com rimas, mas prefiro pensar em versos.

Agora ele sabe que não sou como os outros e sabe também que não deve rir de mim, pois não sou engraçada, nem um pouco engraçada.

— Eu ria da expressão "prateleira", eu por vezes sinto--me uma prateleira de órgãos inúteis. Eu ria da palavra e da colocação na frase, ria de mim por já ter lido todos esses livros na busca de algo que há muito procuro.

Ficamos em silêncio e meu pensamento era no que ele pensava, no que ele procurava, seu olhar se perdia no líquido como se houvesse escuma na superfície, como se visse bolhas em água fervente.

Lembrei-me do chá com insetos que Amenaíde preparara, talvez ele procurasse insetos dentro do copo, olhei para o cálice em que eu bebia e nada vi.

Depois de algum tempo levantou-se com o copo na mão e em pé virou o vinho, esvaziou com um só gole.

Olhou para a estante como quem sabe o que procura e apanhou um livro depois de uma rápida olhada geral. Percebi que sabia onde o livro estava.

Entregou-me e sentou-se novamente.

— Leia, gostará se realmente aprecia poesia.

Pareceu-me um teste, porém assim mesmo o li e até hoje releio com frequência. Baudelaire.

Aprecio o vinho, ponho outra dose e o pensamento fica leve como o voo de um falcão saciado, o sangue circula melhor nas veias e os pensamentos ficam mais claros.

— Já tive um projeto de diminuir sensivelmente a bebida, de só beber vinho e mais nada. Vinho é bebida de poeta, mas vinho aqui se torna uma

heresia no verão e quando o bebo suo mais do que tampa de chaleira.

"O que me salva nestas plagas é o desinteresse que todos têm por mim, o desagrado que todos têm de ter um homem como eu por perto, mais nada. Bebo, pois despenco nesse abismo tenebroso que é a vida, esses dias terríveis, eternos domingos amaldiçoados. Deus se arrepende, a cada gole que dou em minha bebida, de ter criado a sua imagem e semelhança e de ter feito o sangue dessa imagem, vinho.

"A bebida atiça minha memória, privilégio que poucos humanos têm, memória de tudo que é nada, um nada que acabrunha meus sentidos e sustenta a pulsação neurótica do meu aparelho interno que bumba o vazio. Já pensei sobre o barulho do nada e creio ser o barulho do coração, mesmo que ele nada tenha dito e nada venha a me dizer em vida. Qual é o barulho do nada? Prove-me que o coração não é um vazio humano que engana os homens quando pensam em amor.

"O nada não tem barulho, não produz som algum, nem do coração em movimento, pois quando o nada é nada, o vazio é pleno. O vazio, penso nele entre parênteses e me calo o bastante para nem mesmo escutar pulsações do aparelho sanguíneo que direcionam o amor. O amor nada tem a ver com o coração, isso é invenção dos poetas, que os homens vulgarizam."

Acendeu um cigarro, deu uma longa tragada e lançou a fumaça no ar, olhando-a.

— Pesquiso Marquês de Sade, o grande precursor literário do sadomasoquismo, acredito que todos os homens sentem prazer na crueldade. Eu queria vê-la chorando, ver seus olhos tristes transbordando em lágrimas e angústia. Sentir a melancolia estampada em seu rosto, lindo rosto de virgem maldita.

"Queria vê-la chorando sem dor física, chorando de tristeza, pois seu Bastian não se cerca jamais de pessoas felizes, porque não existem, e quem acredita que sim é verdadeiramente infeliz e não sabe, não gosto de pessoas burras e estúpidas.

“Encontrarei sempre alguma coisa tristemente angustiante para aliviar a dor de estar vivo entre imbecis. Perdi o intuito com a humanidade, desde então o cheiro de absinto recolhe o meu cansaço.

“Sou um homem de poucas palavras, mas nunca meias, vivo sozinho e por isso tenho como hábito falar sempre na primeira pessoa. Hoje nasceu-me algo que há muito reprimo, curiosidade pelos seus movimentos e pelos pubianos. Os seus olhos são o termômetro de suas tristezas, você é como eu, seus olhos tendem a sumir na angústia.

“Escuto Plutão a me chamar e Carontes a me cobrar a passagem pelo transporte. Tórridos cães de caça e guarnecidos guardas com fardas brilhantes, eis que Carontes esconde o tesouro dos mortos debaixo do colchão.

“Dançarinas histéricas molhadas de vinho tinto, entorpecidas de absinto e pelo amor de marujos maléficos que leem Sade no final do expediente de oito horas. O último desejo d'alma, a última moeda debaixo da língua, tem algo de tango no fundo, a dor por entre cordas e dedos, paixões pessimistas e suicídio. Quero padecer com a alma junto ao corpo, que Plutão espere-me fazendo amor, pois sim. Quero o encanto das canetas-tinteiros de platina e o sono profundo de um deus preguiçoso qualquer.

“Ah! Maligno encanto da tristeza, como a faz bela entre cascatas e lágrimas vermelhas, mais bela seria por cima do teclado de marfim do piano da igreja. Ah! E as palavras passam do papel aos meus impulsos, como um desfecho certo ao meu sofrimento, exatos sentimentos confusos e angustiantes. Palavras que me salvam no gongo do desespero, no ponto de queda do precipício.

“Precisaria vê-la mil tardes caminhando lerda pelas ruas com o meu guarda-chuva negro para que possa sentir o que sinto. Sim, precisaria de Maiakovski ou do pranto gay de Rimbaud para que soubesse de mim. Escute o canto que toca ao fundo, Bach, pergunte as notas que penso, peça a Deus que lhe conte o que oro. Mas não me culpe pelo arbítrio dos tolos,

nem pela redundância dos medíocres. Sofro tanto quanto um mendigo lúcido e sou alérgico a poeira.

"Não me deixe a sós com a tristeza, pois ela não viverá sem seus olhos, agora deixe-nos a sós. Já disse, deixe-nos a sós. Queriam-me louco, pois conseguiram o que queriam, querem-me amando, pois terão o que querem. Estou realmente cansado de manifestações grupais, prefiro o silêncio das lesmas sobre o seu corpo diáfano.

"Precisa ir agora, em breve o salão defronte a essa casa precisa de sua beleza para me distrair por detrás das cortinas."

Calou-se, suando e vermelho.

Quero arrancar seus lábios e sair correndo, não quero que ele me conheça, nem quero falar, sim, quero falar. Mas não consigo, estou tão tola quanto Magda apaixonada pelo nosso professor de literatura, só faz olhar, rir e abaixar a cabeça. Porém creio que não quero ir agora, eu tenho que falar, quero lhe mostrar o quão bonita sou, mas não quero que me deseje pela beleza.

Com ele sinto como nos segundos antes do desmaio, poderia lhe mostrar meus olhos, ele veria a tristeza que sinto. Quero retirar meus órgãos internos e ficar oca como um balão, como uma lágrima flutuante.

Quantas coisas posso fazer, os seus fantasmas batem continência para minha tristeza e eu tenho que andar de mãos dadas com Rodrigo Mendes para que toda a paróquia saiba de meu noivado.

Fui embora com um livro, desfilei com o digníssimo no decorrer da festa, com fios de anjo, cabelos de padre, saburras de deus e por fim esqueci minha anágua no confessionário.

VI

Era o momento de cobrar o pacto que eu fizera no passado com o pastor. Ele, por sua vez, após retrucar, manteve sua palavra. Mais uma vez a preguiça facilita os planos do autor.

Com o pretexto de que Bastian iria ensinar-me piano todas as terças, após as aulas normais. Com a única condição de que eu realmente aprendesse piano, aprendi e com isso o preço do meu casamento aliviava-me a consciência da mentira.

Bastian chorou ao ver minhas gotas de sangue nas teclas do piano, lágrimas dos dedos, que cortei levemente com a lâmina de uma gilete de prata, assim como a bala que matara no passado Bernardo Henrique.

Seu desejo se realizara, agora faltava o meu, mas ainda não era tempo.

Quando estava lúcido, parecia-me às vezes infeliz, nem sempre, nada com muita frequência. Aliás, creio que nunca o tenha visto feliz. Quando bebia absinto ficava incoerente, irônica eu conseguia ver maldade em seus olhos, tornava-se pessimista e desesperado como um menino maldito, maldito no olhar e na colocação dos verbos e assim era até mesmo lúcido.

O pastor Ortiz de vez em vez olhava-nos preocupado, ranzinza, e por isso creio que realmente aprendi a tocar o instrumento.

Pensei e não negaria jamais que tentei deixar minhas unhas crescerem, e o meu estado nervoso ficou explícito no fracasso da tentativa. Jamais deixarei de roer unhas, roê-las sempre será a primeira solução para o tédio que vivo.

Bastian afirmava que eu não tinha mãos de poeta, talvez…

Bastian muito já falou de mim, se confundindo e se tornando contraditório a respeito de minha anatomia. Ao seu lado eu tinha sempre a impressão de querer urinar, de leve embriaguez.

Nos víamos no padecer do sol de todas as terças, falávamos de poesia, dor, música e pensávamos em morte.

— Falemos sempre em morte.

Nos perdíamos em cada nota de música. Um dia, ao término de *Toccata et fugue*, ele me beijou. Cheguei a ter medo da sofreguidão do beijo, mas, por fim, eu me sentia tão arrepiada quanto os meus seios ao frio.

— Tenho filosofado sobre o homem, minhas constatações são óbvias como todas devem ser. Qualifico-os em grupos de três: orais, anais e — a grande estrela de minhas análises — intestinais. Inicialmente não devo expor as características de cada situação, a facilidade deturpa o raciocínio. Mas posso exemplificar, oral eu consideraria o pastor Ortiz, anal poderíamos citar Papo, e intestinal seria mamãe.

Ele escutou fingindo não escutar, examinando persistente o cotovelo, por isso sei que escutou, não como faz com o pastor, ele fita-o com o ar que escuta e nada ouve.

— Você tem razão quanto à facilidade que deturpa o raciocínio — ele disse —, mas titubeou, pois nada sabe, por isso um ar de mistério perante a causa de tal constatação. Você é evasiva, eu gosto disso, não sabe nem ao certo o que fala.

A igreja ecoava nossas vozes, creio que realmente nem sei o que falava, o que eu falava afinal?

Voltei a me lembrar da anágua, engraçado, eu gostava tanto daquela peça, foi uma atitude desmedida tê-la largado ali, tão sem retorno.

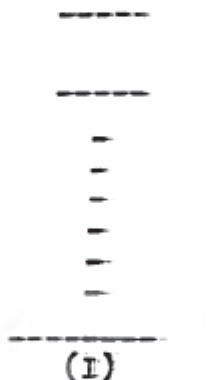
— Preciso de papel e lápis.

Levantou-se razoavelmente trôpego e sentou-se na primeira fila lateral de cadeiras, defronte a mim e o piano. Abriu uma pasta, passou alguns segundos mexendo até que silenciara e sossegara as mãos.

Sorriu, levantou-se novamente, tropeçou na borda do tapete, comum no centro desses lugares religiosos, como o salão dos reis em contos que li na biblioteca de minha escola.

Essa mania ou hábito, sei lá, de ridicularizar Deus, assim como os reis boçais de contos de fada. Tão tolos, gordos, pequenos e indecisos ou dóceis e sempre passados pra trás.

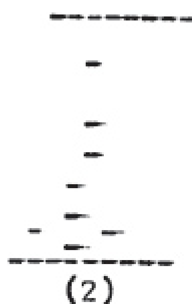
Com os papéis ao meu poder, debrucei-me no altar e direcionei meus pensamentos no assunto inicialmente tocado, não me esquecendo dos reis.



1– Orais

Ex: pastor Ortiz

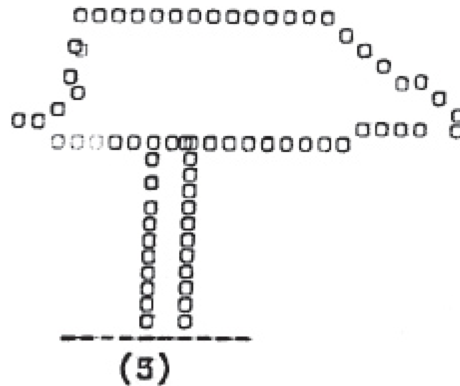
Sintomas: problemas alimentícios, região bucal reprimida, tem como costume levar sempre a mão na boca ao pensar ou quando se encontra nervoso.



2– Anais

Ex: Papo

Sintomas: não possui problemas alimentícios, impulsos glutões, constantes. Tem o olhar sempre direcionado aos glúteos, e esses estão sempre a mostrar-se em vestes justas.



3– Intestinais

Ex: mamãe

Sintomas: possui em quase todos os casos apatia e autodesvalorização, pois são centralizados. Reprimidos na boca e no ânus, tornam-se com o passar do tempo fofoqueiros ou sem opinião, ou os dois.

— Podemos nos qualificar orais, pois sim, beberemos por tais observações.

Voltou ao banco trôpego como da primeira vez, pegou uma garrafa de vinho e cálices, retornou não sem antes deixar de tropeçar na ponta do tapete, que já permanecia pontiagudo devido a tantos tropeços, que o próprio pastor Ortiz já levara.

— Maldito! Ainda o queimo!

Sorrimos sem nada falarmos, ele enchia os cálices sem derramar nenhuma gota do líquido por sobre o altar, ao contrário do tio que quase sempre se lambuzava.

Bebemos sem brindar e assim foi-se a garrafa, as luzes refletindo a poeira em cada três fileiras, o espaço exato de cada janela e de cada filete de luz e poeira.

— Uma vez quando pequeno, com um pedaço de carvão, escrevi fantasias na parede interna dessa caixa de pecados, molhei o estofado da cadeira que na época era vinho e corri para casa. Depois de tudo descoberto por uma velha beata, o pastor me bateu com vara e me banhou com água benta. Nunca mais quis entrar aqui, nem mesmo para ler, o que antes eu fazia muito, nem mais pensei em Madalena, que era o motivo de tanta lambança.

Para aliviá-lo, resolvi contar a minha atitude desmedida.

— No dia da menina Lurdes, em devaneios, despi-me de minha veste pessoal e a coloquei no confessionário. Lembro--me do vermelho sobreposto do verde do atual estofado da cadeira.

Ao terminar minha confissão solitária, meu cálice estava novamente cheio de outra garrafa.

— Contarei ao pastor, gostarei de vê-lo batendo em seu corpo pálido e banhando-o com a água milagrosa. Você ajoelharia pedindo clemência e seus cabelos vermelhos se confundiriam com as manchas que as chibatadas causariam em suas costas, manchas entre sardas, eu gosto de suas costas. Gosto do desfecho com as nádegas, posso pegá-la se quiser, depois da surra passarei óleo de rosas em cada ferida e como gratidão levará o cálice de absinto em minha boca.

Ó, longa vida de importunos.
Por que trazes para mim
mulher tão bela?
Se irei fazê-la chorar…

Pensa em algo e lança o cálice pela janela.

— Lá tem grama
então proves que me ama
vá buscar sem demorar

Taquei o meu cálice que ainda continha um dedo de vinho do porto.

— Faça o mesmo cavalheiro
se assim queres rimar.
Se me ama não demores

que sozinha vou chorar.
Rimos muito, deixamos os cálices e nos beijamos.

VII

A negligência dos fatos me incomoda, apesar da complacência dos personagens com o autor, por isso retornaremos a comadre Odite que no passado intrigara a todos com sua incrível capacidade de proliferar e quando não, de acolher filhos que aos dela se misturavam.

Pois sim, não posso afirmar que os cento e vinte filhos fossem todos naturais, mas todos sem exceção eram considerados por ela filhos.

Sendo negra e tendo uns respeitáveis glúteos, afirmou em leito de morte só ter tido um homem, Antônio da Cruz, o aventureiro, que vinha à cidade só para ver sua negra Odite e trazer novos costumes e tecnologia.

Foi Antônio que trouxe a primeira máquina de moer carne, trouxe para Odite. As mulheres, esbaforidas com a ideia, encomendavam a ele a nova e incrível descoberta. O rádio também foi trazido por ele. Enfim, Antônio muito fez pela cidade além de prenhar Odite.

Na minha infância, parecia-me possível uma mulher ter cento e vinte filhos, o que mais tarde me deixou acabrunhada com a ideia, por mais que o último filho de Odite tenha nascido quando ela tinha noventa e sete anos.

Digamos que tivesse um filho no início do ano, em janeiro, mais nove meses de gestação. Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, em setembro a criança nasceria. Também em setembro um espermatozoide poderoso avançaria até o óvulo de Odite. Apesar de eu achar impossível, levaremos em conta a ficção da história. Setembro,

outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio, a segunda criança nasceria então no mês do meu aniversário.

A terceira nasceria em fevereiro, tendo então uma criança por ano, mas precisamos levar em conta os casos de gestação múltipla. Pelas informações que tenho, apenas oito gestações foram como no caso citado acima, três desses casos nasceram duas crianças, três vezes dois, seis, em duas gestações nasceram três crianças, mais seis, em um caso nasceram quatro crianças de uma vez só, 6 + 6 + 4 = 16, e nos últimos dois nasceram cinco de cada vez, 10 + 16 = 26. Então, num total de oito anos, a negra teve vinte e seis filhos. Se contarmos com nascimento prematuro, Odite poderia parir duas vezes ao ano ou quase.

18 = 26   97   97 − 18 = 69   69 + 26 = 95   120 − 95 = 025

Enfim, comadre Odite rezava para as mulheres que não conseguiam engravidar, mamãe fora uma dessas mulheres. Papo, eufórico antes de tudo, já procurara a comadre lhe pedindo rezas e benzedeiras.

Quando eu nasci, ela ainda era viva e, parindo, morreu. Lembro-me da velha mascando fumo e cuspindo por todos os cantos. Eu tinha nojo dela, sempre seguida por um séquito de filhos. Filhos pela culatra, Antônio já cego vinha à cidade sem surpresas, ninguém mais o esperava além da velha prenha.

O primeiro filho do foguento casal nasceu quando ela tinha dez anos e ele quatorze, se em oito anos pariu vinte e seis filhos, façamos mais um cálculo:

Digamos mais uma vez que aos dezoito anos tivesse vinte e seis filhos, até noventa e sete anos teria mais sessenta e nove que, somando com os vinte e seis, daria o resultado final de noventa e cinco filhos, isso sem considerar os prematuros. Sobrariam então vinte e cinco filhos adotivos,

que se misturavam e certamente nem ela própria reconhecia, por isso acabavam ficando.

Foi dessa superpopulação que surgiu a primeira favela da cidade e até hoje muitos netos e bisnetos, talvez tataranetos, quiçá filhos de tataranetos, ainda vivem amontoados em cortiços no morro de comadre Odite.

A história do filho mais novo que vem à cidade não nego que seja mentirosa, apesar de ser um ótimo fato a ser narrado, prefiro concluir que é somente chavão para a ida das donzelas à missa e confesso que por muito tempo fui ter medo de Geremias.

***

Um mundo no qual meretrizes expelem o leite materno na boca dos homens famintos, como lobos em volta da carne humana, onde Deus é a única luz de salvação. O fim não está tão longe como às vezes imaginamos, nem Satã está de férias, o mal ronda entre nossas casas, tentando nossas mentes e nossos corpos, ou, quando não, tacamos pedras como fizeram com Madalena.

Somente Jesus compreende e perdoa, somente Ele poderá nos guiar nesse túnel de perdição.

Quando aqui viemos, nos fazemos de bons, puros, obedientes, mas é exatamente aqui que Ele menos nos olha, lá fora Ele nos segue com os olhos e nos guia com o coração.

Muitas blasfêmias já foram ditas em seu nome, mas mesmo após tantos inimigos, mesmo após ter sido crucificado por nós, Ele nos oferece a outra face.

Sim, pois quando Ele disse para darmos a outra face ao inimigo, mesmo quando esse estivesse esbofeteando seu rosto, Ele nos faz provar sua persistência e confiança, Ele foi persistente conosco, sejamos persistentes entre nós, é devido a essa paciência e persistência que podemos hoje sorrir felizes em estarmos vivos.

Aleluia!

O Esp rito Santo é o esp rito de Deus, todos nós temos um esp rito e todos são importantes nos olhos de Deus nosso pai, temos que louvar ao seu esp rito e não maldizer a sua graça, o seu nome, como muitos eu já vi fazendo. Essas pessoas que isso fazem são pessoas sem luz, cheias de motivações erradas. São aquelas que deixaram o mal possuir sua vida, assim como nós somos cordeiros de Deus, rebanho de Jesus, há também aqueles que seguem o caminho errado, pessoas que querem erguer o mal, a Babilônia. Querem balbúrdia, promiscuidade, leviandade e prostituição.

Irmãos, esse número não é pouco, nós vemos sempre a casa de Deus cheia e pensamos que é assim por todos os lugares da Terra, mas a Terra é grande e até mesmo entre nós pode haver um esp rito ruim, maldoso, malicioso e pecaminoso.

Não devemos tacar pedra, pois não somos puros o suficiente, só Jesus pode, mas Ele não quer, pois Ele é persistente e a essa alma quer salvar.

Jesus está sempre prestes a perdoar, é bom, peçamos humildemente perdão. Cada um em silêncio agora pedirá perdão, todos nós temos motivos para pedir perdão, só não pede quem não tem motivos, levante a mão quem acha que não tem motivo.

***

Perdão.

Não me custa pedir perdão, não me custa dar possibilidades para que aquele homem ali, logo ali na frente, esteja falando a verdade, uma verdade gigantesca, santa.

Perdão, perdão, perdão, perdão… mais uma vez, perdão!

Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar. Tudo o que eu gosto me parece sempre um pré-pecado. Por que teremos sempre que nos punir pelo que gostamos? Por que devo ser considerada uma alma ruim pela balbúrdia do prazer? O prazer será sempre motivação egoísta? E a palavra, será que sempre me mostrará a verdade do que escuto? Será sempre pregada como palavra de cura e de salvação?

Estamos há muito fugindo de um fim que também há muito é pregado, um fim com fogo e monstros com sete chifres, onde haverá duas filas formadas. As vestes da fila "A" serão de cor azul, azul do céu e de Deus, "pois ele é o Salvador". Na fila "B", alguns vestirão preto, outros vermelho, ou cor de vinho. Os da fila "A" terão o semblante de aparente calma e um quê de arrependimento, os da outra fila muito falarão em uma ensandecida agitação como se ouvissem tango e estivessem com os pés atados a samba.

A grande surpresa será quando todos em geral perceberem que quem julga o juízo final não é Deus nem Satã, mas o desejo, o sexo personificado em homem-mulher, só que em um só corpo, algo andrógeno, indefinidamente belo e sedutor.

Com lindos cabelos até o primeiro degrau dos milhares do altar onde estará no topo, sorrindo com aroma de flores de Baudelaire, sobrancelhas de homem, ombros e tronco feminino e pênis.

Um lindo pênis como nos quadros de Velásquez, glúteos de Vênus branca e mãos de um pianista, dedos alvos e magros.

Descalço pisará em uvas, que se tornarão vinho em contato com seus pés de virgem, o líquido escorrendo pelos degraus de esmeralda, até morrer junto às pontas dos seus cabelos de larvas e água.

Muitos correrão até o degrau para beber do seu líquido, que certamente não é o sangue de Cristo, é vinho sem tempero de símbolos ou sobrecarregado de Baco, vinho como o que bebo com Bastian. Os que beberem com sangue do crucificado seguirá o caminho do descanso, os que sentirem a embriaguez do desejo como se estivessem necessitando ir ao banheiro, irão para as labaredas do circo que é o inferno cristão.

Agora, quem os degraus subir e recitar poesia no ouvido masculino do homem-mulher, esse sim, terá a vida eterna junto aos malditos, os poetas, os artistas.

Onde ouvirão Bach e erguerão taças, andarilhos da Belle Époque, intelectuais loucos de absinto, pintores narrando o mundo por tinta e berrando a morte com espátulas, músicos embriagados cuspindo notas e atores representando para percevejos e negras como Odite.

Serão esses os criadores do próximo mundo, que não será feito em sete dias, não somos apressados como Deus, teremos calma e preguiça.

Dormiremos de dia e à noite traçaremos o mundo pela observação de reais criadores, pois somente artistas, cientistas e inventores têm os reais aparatos para criar. Esse foi o maior ou o único erro de Deus.

Por isso somos proibidos de prazeres, Ele crê que de prazeres vem a poesia, o que não sabe, pois não é poeta. Do tédio e da desgraça nasce a mais pura e linda poesia.

“Bu!” para Ele, que o mundo quis criar sem ao menos consultar um artista, a modéstia é para Ele e não para mim que vejo tudo por telas

pintadas de desgraça e sangue, não de Cristo nem dos santos, e sim do pintor.

Nós não somos persistentes, pois não criamos em série como foi feito, persistência é sinônimo de repetição e repetição somente em reza, mais nada.

VIII

A rua estava movimentada, a primavera mais uma vez iludia os homens com suas flores e seu perfume. Nessa época do ano, as mulheres de minha cidade costumam se casar, Papo voltou a comentar sobre o meu casamento, era momento de concretizar o pedido de Rodrigo Mendes.

Retruquei dizendo que ainda era cedo e iria atrapalhar meus estudos. Não, nem mais uma palavra, a minha jura tinha que ser cumprida. Enfim eu teria um lar para cuidar, marido e, em breve, filhos.

Mamãe recebeu ordens para iniciar as rezas de comadre Odite, e eu, dinheiro para as compras finais. O vestido seria encomendado à mais fina estilista da época, madame Simone D'Guet, proprietária de uma butique em uma cidade próxima.

Para chegar a essa cidade precisávamos viajar em barcas, grandes barcas que transportavam pessoas e automóveis.

Nesse dia, os balangandãs femininos foram colocados para fazermos tal viagem. Eu e Al usávamos chapéus e luvas. Mamãe ainda bela vestia um *tailleur* verde e um colar de pérolas que me foi presenteado mais tarde quando casei.

A loja era belíssima, no ar um cheiro doce de ópio, cadeiras confortavelmente encapadas de veludo cor de vinho, lindas moças por trás dos balcões de vidro.

Madame D'Guet era uma mulher de meia-idade com lábios finos pintados de vermelho, assim como os cabelos presos em um coque. Vestia

verde e usava muitos colares e anéis. Tinha nos olhos dor e solidão, mesmo assim sorria sempre, durante todo o transcorrer de nossa presença na loja manteve-se sorrindo. Não um sorriso forçado, mas sim acostumado, tive pena dela, tão bem vestida e mal amada. Sofria por um amor que deixara na França, um jovem andarilho sem rumo chamado Jean Pierre Mobillier.

Eles se conheceram em um café, se olharam, ele lia as últimas poesias que escrevera e ela folheava um velho jornal distraída, um frio ensolarado esfriara o café de ambos que havia muito fora esquecido por eles.

Como Simone estava bela naquela manhã! Seus dedos jovens manchados da tinta negra do jornal, vestindo um sobretudo desbotado pelo uso constante naquele último inverno. Tão displicente ao folhear quanto ao olhar para Jean Pierre, que por sua vez fumava um cigarro calmamente, entre uma tragada e outra repousava sua cabeça na mão por sobre a mesa e deixava a fumaça pairar em sua frente, só mudando de posição quando o cigarro já no filtro lhe queimou os dedos e o antebraço sobrecarregado do peso manifestou câimbra.

Ela riu do descuido de Jean Pierre, que, ao estalar os dedos para recuperar a circulação que havia pouco fora impedida, derrubou a xícara de café.

Sem perder a aparente calma, levantou-se passando um guardanapo em seu sobretudo não menos velho do que o dela e sentou-se em sua mesa, deixando Simone perturbada.

Apresentaram-se, pediram mais dois cafés e, a partir daí, a vida de Simone tomou um rumo diferente. Abandonou o curso de literatura alemã que fazia na época e um pequeno apartamento que dividia com duas amigas e sumiu com Jean.

Porém Simone não aguentou por muito tempo o temperamento de Jean, que era inconstante e inseguro, um poeta deprimido e suicida. Ficaram dois anos juntos morando em todos os cantos, sem casa e sem dinheiro. Simone arrumou um bom emprego em uma loja de chapéus femininos num bulevar movimentado, enquanto Jean Pierre tentava

suicídio todas as semanas, cortando os pulsos, tomando dezenas de remédios ou abrindo o gás.

A sua depressão aumentava a cada dia, via tudo tão negro, feio, somente Simone era bela, a bebida era a única coisa que o alegrava, costumava voltar à noite, mas nos últimos dias voltava na manhã seguinte carregado por mulheres.

Até que surgiu uma grande oportunidade para Simone, a loja onde trabalhava abriria uma filial em um país distante. Apesar do amor que sentia por Jean Pierre, o largou, casando-se com o velho viúvo dono da loja, e meses depois estavam instalados e inaugurando a nova loja La Rose.

No início, Simone mandava dinheiro para Jean Pierre e mantinha contato frequente com a senhoria da pensão onde ele morava graças a ela. As últimas notícias que recebera dele era que andava com um afeminado com quem, afirmavam, tinha relações amorosas, um jovem artista plástico que era a razão de seus poemas atuais.

A carta de senhora Gertrut era bem clara:

Madame D'Guet,

O dinheiro que a senhora me manda não é suficiente para encobrir a vergonha que seu amigo, o senhor Jean Pierre Mobillier, vem causando a todos que aqui moram.

Não satisfeito em escandalizar a todos com suas cont nuas bebedeiras, divide agora, sem minha permissão, o quarto com um jovem inglês afeminado que lambuza todas as paredes de tinta.

O senhor do quarto sete há duas noites acordou com gemidos e gritos vindos do quarto do senhor Jean Pierre, que fazia uma festinha particular com mais dois rapazes e uma moça.

Peço-lhe que arque com os gastos de tinta para cobrirmos tal lambança causada pelo amigo de seu companheiro e com a multa pela balbúrdia e indecência que eu e meus inquilinos fomos obrigados a presenciar.

Obrigada,

Gertrut

P.S.: Anexos à carta vão a nota e o total a ser pago.

Mais uma vez, Simone encobriu a irresponsabilidade de Jean Pierre. Com o tempo, acabou perdendo o contato com ele. Seis anos depois morria o velho esposo de Simone, do qual herdou a loja e outros bens.

Deixando a loja sob os cuidados de um fiel e amante empregado, Simone voltou à França para enfim encontrar seu grande amor.

A primeira pista que teve de Jean Pierre era que trabalhava como tradutor em uma editora. Quando lá chegou, informaram-na que havia muito tinha sido demitido por incompetência e homossexualismo. Conseguiu que um colega de trabalho lhe desse o mapa dos lugares que frequentava.

Durante várias noites Simone percorreu todos os bares e porões empoeirados, em um desses lugares disseram-lhe que havia muito andava sumido e doente, e que a última vez que apareceu chorava pelo inglês que o trocara por uma senhora rica.

Os olhos de Simone transbordaram de lágrimas borrando o rímel que deixava-os bem delineados, vestida de azul, com luvas e olheiras de cansaço e desânimo. Assim estava quando nesse mesmo bar conheceu um rapaz magro e com olhos grandes.

Apresentou-se como John Baynes e disse ter sido amante de Jean Pierre e que dela ele muito falara. Enfim uma esperança se demonstrou em seu semblante, poderia reencontrar seu grande amor.

Esse mesmo rapaz convidou-a a sentar. Na mesa estava uma senhora que vestia paletó, colete e gravata. Ao sentar-se, acenou à senhora que retribuiu com um sorriso malicioso.

Serviram-na de vinho, o jovem apresentou-a como madame Moud Vanier, escritora e bióloga. Ela delicadamente direcionou o assunto para Jean Pierre, ele segurou em sua mão e lhe disse com um tom acolhedor que Jean tinha morrido em um acidente, o quarto onde morava pegara fogo enquanto dormia depois de um porre, ninguém sabe como aconteceu, somente ela.

Simone sabia qual fora a verdadeira causa de tanto fogo, suicídio.

Chorou e Moud a consolou em seu ombro, beijou seus cabelos, alisou sua face e lhe deu vinho para que se acalmasse.

Algumas horas depois, estariam todos os três no elegante apartamento de Moud fazendo amor em uma grande cama coberta por um sombrio mosqueteiro negro.

Alguns dias depois retornava ao país que mantinha seu comércio, com a única certeza de que jamais amaria como amara Jean. Muitos homens e mulheres por sua cama passaram para acalentar a dor do seu coração angustiado e melancólico.

Essa história foi a mim contada uma vez em que fui até a sua casa para que me mostrasse sua coleção de fotos da moda parisiense que apresentava com seu vestuário.

Exatamente cinco meses após a tarde em que me foi confiada a vida amorosa de Simone D'Guet, morria Gregor de uma forte gripe denominada na época como "espanhola". Muitos morreram desse terrível resfriado, a peste proliferou--se por todo o estado.

Gregor faleceu num dia cinza-pérola, lembro-me de algumas coisas desse dia estranho. Amenaíde já o encontrou morto quando de manhã foi até seu quarto levar o leite diário. Mamãe sempre fez questão de afirmar em branda voz que naquela manhã havia cheiro de Cristo no quarto de Greo.

À noite, sonhei que todas as galinhas de Romênia voltavam à cidade para ciscar na porta do meu quarto. Achei engraçado esse sonho, sempre tive bons sonhos.

Uma vez sonhei que em meu quarto tinha um gato que pensava ser rato e se esmagava no rodapé da parede querendo entrar num buraco.

IX

Quando eu era menor, a noite quente trazia mosquitos. Em minha pele surgiam pequenas bolas avermelhadas que eu envolvia com hidrocor preto formando uma circunferência para me lembrar de não coçar. Devido à alergia, isso era considerado praticamente impossível e por isso as malditas se proliferavam por todo o corpo deixando-me histérica e machucada. No decorrer da noite, era necessário todo um manual de fuga de tais malditos insetos.

Eu me cobria de ponta a ponta evitando assim o assédio total, ficando acessível a apenas alguns heroicos sanguinários e ao barulho que eu acreditava ser ruídos provocados por seres microscópicos que abordavam tentando manter com a minha espécie.

Sentia muito medo, a canção alucinada dos pequenos seres minúsculos que choravam em meus ouvidos tentando aterrissar em números enormes em meu acolhedor tímpano, que a essa altura já estava devidamente preparado para a algazarra da chegada.

Inicialmente se apossaram de meu tímpano e eu escutava o pranto triste das fêmeas, esposas dos bandeirantes aventureiros que saíram em busca de novas descobertas, conseguindo assim alcançar a abóboda craniana e logo em seguida o cérebro. Lá então possuíram meus desejos, pensamentos e necessidades, me vi escrava dos pequeninos viajantes.

Com o desejo de proliferar e povoar outros corpos, fizeram-me sentir malícia do corpo, das pernas e da vagina, uma leve cócega infinitamente erótica levou-me então a desejar primeiro meu pai, depois o pastor

escondendo o sexo de saia e mais tarde todos os homens que por mim exalassem o cheiro de macho. Dei-me por satisfeita em meus próprios instrumentos de prazer.

Mesmo com a excitação mais transloucada, consegui direcionar para a igreja e o meu pecado deveria morrer comigo, junto a mim e o meu penar.

Nessa parte da história eu já pensava em delatar o acontecido, mas não, seria tolice, me fariam de cobaia para cientistas, ou coelho para mágico, me sugariam as últimas forças e consciência. Seria motivo de riso e apresentações nas festas para fins religiosos, as crianças ficariam eufóricas e me morderiam o braço. Um dia me colocariam em um quarto fechado, sem janela, e com uma música tocando repetidamente para aliviar o choro eterno que em minha mente eu escutaria. Eu escolheria a música como oferta da comunidade cristã.

Após anos de exílio, um dia abririam o quarto e me lançariam em cova de leões para que o lugar onde eu ficara por tanto tempo pudesse ser ocupado por outra pessoa com uma nova e revolucionária doença, que muitos mataria.

Enfim era melhor matar e morrer no ostracismo humano hipócrita e social.

Hoje é terça-feira e mesmo neste colégio medíocre e com a insistente presença de Alice a querer me chamar atenção, estou feliz e tal sentimento me alerta que posso ficar triste a qualquer instante, um círculo vicioso, para estar feliz obviamente é necessário que estivesse infeliz e tal e tal…

Narro este dia pois talvez tenha sido um dia engraçado, realmente foi engraçado pois tudo estava me alegrando até o transcorrer da aula e o encharcar que a mestra causava em explicar Velásquez, usando um novo e tecnológico aparelho dentário. “Tendo sido um dos maiores vultos da pintura ocidental, temos em poder de nosso país ‘Duque de Olivares’.” Nessa frase, senhorita Ruth direcionou três cuspidelas por sobre duas meninas que atenciosamente por perto espreitavam a aula, ri alto e fui

convidada a me retirar da sala, o que muito me aliviou pois Bastian esperava-me para mais uma tarde entre mortes, morridos e mortais.

Nesse mesmo dia, Bastian se encontrava por efeito de absinto e por isso levou-me a lugares que eu até então jamais tinha ido.

— Conde de Montezuma aqui morava uns séculos atrás em um castelo, fora um homem perverso que lia Sade e exercitava em suas escravas donzelas. Nunca se vira homem tão feio, dois metros e dez de altura, dentes podres e cavalares, hálito de morte que se sentia de longe. Em seu castelo morava sua esposa, uma bondosa e sofrida mulher que lhe foi entregue pelo pai como presente de agradecimento a bonança de suas terras, essa parte da história eu nunca entendi.

Eu ri e peguei em seu braço enquanto andávamos por ruas estreitas e calçadas de paralelepípedos que faziam-me tropeçar de vez em vez.

— Em suas terras eram plantadas milhares de pés de arruda, porque era supersticioso. Está gostando da história? Com essa mulher teve duas filhas, uma boa e outra ruim, a ruim tinha um olho apenas, ainda escreverei um conto para crianças sobre isso.

— Poderemos escrever juntos, sobre o conde e sua filha zarolha, que tal?

— Sim, poderemos escrever sobre a mulher que engravidou pelo ouvido; de tanto escutar o sermão do pastor, gestou uma longa língua, que após nove meses enrolada em seu ouvido nasceu, e, para surpresa de todos, ao esticar os três metros de língua, a mãe descobriu um drops de hortelã.

— E com o passar do tempo, a mãe da língua-bebê descobre que ela só para de chorar ao receber o mesmo drops que tivera durante os nove meses devido a um descuido do pastor que, no dia em que a linguinha fora concebida, chupava ensandecidamente um drops, que por incrível que pareça era de anis e não de hortelã.

Rimos, rimos muito, tudo era tão belo e estranho.

— Julia Passos sempre fora uma mulher religiosa, apesar de ter as mãos sempre fechadas aos pobres e à igreja, não faltava a um sermão. Nunca se vira alguém com os ouvidos tão aguçados quanto os dela, compenetrada a cada palavra de cura e salvação.

Olhou-me curioso enquanto abria uma garrafa de vinho sentado a uma cadeira que ele mesmo trouxera.

O lugar era um campo, um dos muitos que Lurdinha passou a cantarolar. Com a rolha presa entre os dentes, falou:

— Continue.

— Todos diziam que tinha embocadura para freira e ela sorria dizendo: "Eu só entendo de doces e de doenças de velhos". Talvez tenha sido isso que a impediu de um dia se casar, solteirona convicta, dizem as más línguas que dorme com o gato entre as pernas.

Ele me escutava atento, sustentando o queixo na mão esquerda e com a direita bebericava o cálice com o líquido vermelho.

— Não podendo esquecer de dizer que o gato não tinha língua, para que não haja confusões.

— Ah! Sim, o gato malhado perdera a língua quando seu velho pai irritadiço surpreendeu o pequeno animal com a língua na fruta seca de sua filha, e… bom, nessa parte da história o meu digníssimo amigo e professor de piano poderá narrar melhor.

— Julia desesperada apelou para o dicionário de curas caseiras e lá descobriu o embiri, planta da família das escrofulariáceas, também chamado de erva-dos-feridos, e tascou no que restou da língua do animal. O pai embirrado arrumou as suas coisas e partiu no navio de Gerontes para o mundo dos mortos, o que muito aliviou Julia Passos, afinal de contas… O gato nas embiras, mais pra lá do que pra cá, falou: "Julia, que de mim muito cuidou, sou um mago e não um gato e um filho ao morrer te dou". A moça muito religiosa logo berrou: "Não, gato maldito, o que de mim irão pensar? Se tu não sabes, virgem não pode prenhar".

Interferi continuando a história.

— O gato já raivoso berrou mais alto ainda: "Se não queres meu presente, uma praga vou rogar. Que geres algo diferente, que lhe traga muito azar". Julia, desesperada com tudo que ouvira, pegou o gato pelo rabo gritando: "Sai de mim, curumim". Rodou três vezes e tacou longe, indo se espatifar na parede da igreja que em frente a sua casa ficava. Nada

mudara na vida de Julia, dia de semana trabalhava em sua *bomboníère* e aos domingos sentava na primeira fila da igreja e com o rosto de quem escuta permanecia até o fim da missa. Passaram-se então seis meses da morte do gato e Julia de nada lembrava, sentia as vezes dores de ouvido, mas não havia de ser nada e recorreu a mesma erva que usara no gato para aliviar a dor do tímpano. Nessa época muito comia, doces e pipocas.

— Dê-me um gole e prossiga.

— Pipocas açucaradas, pipocas com morangos, pipocas e lentilhas, pipocas com arroz, pipocas com galinha dourada ou assada. Todos percebiam que Julia engordava, até que um dia ela resolveu fazer um severo regime e começou a reprimir-se em termos alimentícios. Primeiro seguiu a dieta dos peixes com pimentas vermelhas cortadas impecavelmente no meio, se não fosse no meio não adiantava. Depois o regime das costelas de porco mergulhadas em água com pitada de sereno, nada adiantou. Dieta das flores, dos sapos e rãs, dieta da farofa, em que três noites seguidas eram necessárias para que desse certo. Na primeira noite, dormiria por sobre a farofa; na segunda, deixaria a farofa debaixo da cama; e na terceira, sopraria. Sangue, nesse momento a mãe da estranha criatura desmaiará.

— Ao acordar, Julia Passos, ainda transtornada, recebeu a seguinte informação: “É um bebê, estranhamente sem forma humana, mas com todas as características psicológicas e emocionais de um, parece normal apesar de sofrer de embriopatia, uma doença pertinente ao embrião. Parabéns”. O médico trouxe a criança e saiu do quarto deixando Julia com a linguinha recém-chegada ao mundo.

— Uma coisa ela sabia, que seu filho seria um bom orador, falando muitas línguas.

— E acertou. Alguns anos depois, era o orador oficial do colégio e todos o amavam, apesar da aparência; e, ao alcançar a maturidade, foi o primeiro locutor de rádio da cidade.

Rimos um pouco mais, não tanto, e dançamos ao som de tango, numa vitrolinha pequena que havia tempos era distribuída para os soldados, “crepúsculo interior”, dançamos enlouquecidamente, desmedidamente,

direcionando e exorcizando, éramos dois loucos sintomáticos, talvez patológicos.

Um esquizofrênico e uma histérica, éramos o mundo, tínhamos o mundo, um mundo que não está próximo do fim, não, um mundo que chegou ao meio e está em crise juvenil, um mundo intestinal. E lá estavam os estômagos do mundo, nós dois estômagos infláveis, não há oralidade, analidade e intestialidade que se superem sem estômago, e nós éramos o estômago, incrível.

A noite já era noite, para nós nada importava, nem Papo nem Deus iriam interferir, comemorávamos o aniversário do mundo.

Com tango, vinho e gargalhadas, tango, vinho e gargalhadas, tango, vinho e gargalhadas, tango, vinho e gargalhadas, um beijo. Um pouco mais de tango, um pouco só de vinho, risos e ele me lançou ao chão. Beijo sôfregos, abrindo então o primeiro botão, segundo botão, terceiro botão, quarto botão, quinto botão, sexto botão, meu Deus, quanto botão! Sétimo botão, oitavo e nono. Enfim o décimo e último botão, encapado, devidamente encapado, botão somente encapado.

Olhou-me após observar cada botão, deitou entre os meus seios e chamou-me de potranca, uma boa potranca, beijou-me ainda pensando nos botões, meus botões o seduziam e já no meu ventre chorou, riu e arrancou estupidamente minha roupa inferior. Lambeu meus pelos, puxou meus pelos, abriu minhas pernas, lambeu meu sexo, apertou meus seios, chamou-me de potranca. Mentira, chamou-me de potranca e apertou meus seios, voltou-se para a parte superior do meu corpo, encostou-se por inteiro em meu corpo e, com a cabeça em meus seios, chorou impotente.

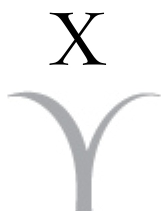
Levantei-me, fechei o primeiro botão, segundo botão, terceiro botão, quarto botão, quinto botão, bom, fechei todos os botões, todos encapados, impecavelmente.

Ele até então permanecia de cabeça baixa, levantou-se e arrancou com os dentes o primeiro e, com um gole de vinho, o engoliu.

Bebemos mais uma garrafa, às vezes ríamos, às vezes calávamos e fomos embora assim.

— Case, linda, como se fosse para mim.

X



A depressão revolta e substancial de ter que me casar me fez chorar compulsivamente ao acordar, levantei e abaixei a cabeça e me debulhei em lágrimas, chorava pelo calor que fazia, pelo verão que se aproximava e dava demonstrações do que seria em manhãs calorentas.

Chorei também pelas sequelas que o passado deixou manifestar-se de cada verão no final de cada ano que tive nessa vida triste com momentos eternos de súbita angústia.

Lembro-me de uma historinha de infância que muito me comove, não me recordo muito bem se era ratinho, ursinho, um "inho" desses que o parta. Enfim, esse bichinho muito admirava a lua num lago límpido da floresta dos animais felizes, até que um dia a barriga falou mais alto do que os olhos, confundindo-o. Jogou-se então no lago imaginando ser um queijo, não uma lua que admirava a água fazendo-a de espelho.

Bom, o final não tenho certeza se foi a morte de tal animal comilão, citei essa lembrança pois recordo-me de Papo. Sua fome é maior do que a razão, não importa o alimento, o que vale é o ato incessante de mastigar, um anal, não passa disso.

Ao anoitecer, deparei-me com Rodrigo Mendes na varanda à minha espera proseando com Alice, Al sempre por perto cercando-o.

Dei-lhe um beijo avassalador, "um daqueles de quebrar o dente", essa expressão ouvi de Simone ao me narrar o primeiro beijo que dera em uma mulher, naquela noite em que soubera da morte do seu eterno amado.

Achei muito engraçado ela afirmar que a única coisa que conseguira guardar de Moud fora um torcicolo que até hoje dói em dias de frio. De Simone consegui um beijo que logo me esqueci e um vestido branco com forro vermelho que doei anos mais tarde para a comunidade cristã da cidade onde morei quando meu marido foi enterrado.

Alice, com a maior das caras de ingênua, permaneceu no recinto, pensando me incomodar, sem saber que esse fora o motivo do meu beijo, fazê-la permanecer na varanda.

Mamãe, na hora da refeição, nos informou que estava grávida pela quinta vez, dessa vez não houve muito estardalhaço, afinal... são cinco e a partir de Douglas a graça já se perdera. Lembrei-me da língua e ri.

O casamento fora adiantado, dia primeiro de outubro, mamãe não queria que o vestido que Simone fizera para o acontecimento se deformasse pelo fato de estar grávida, faltava-me duas semanas, o tempo exato para que Papo convidasse seus amigos e para que eu pudesse planejar uma saída para a pena que eu tinha que cumprir.

A primeira semana se passou e nada estava combinado para o dia, até que chegou a terça-feira e pude mais uma vez saborear o tédio entre ninho e beijos com o único homem que talvez tenha amado, nem sei atualmente se realmente isso ocorreu ou se tal sentimento de amar se confundira com desejo de perversão.

A única coisa que realmente sei é que não me casei virgem e creio que por isso Rodrigo ficou doente, sofrendo de uma doença nos nervos que o fazia tremer.

O dia era vermelho, tocávamos Bach ao piano, mas ouvíamos tango em nossos sexos.

— Se casarás amanhã, minha doce aprendiz? Amanhã mesmo deixarei a cidade para não retornar jamais, vim aqui para descobrir coisas do passado e olhar a cidade mais linda do mundo por visão fotográfica.

Enquanto ele falava, eu enrolava um pedaço de pano entre os dedos, sempre tive essa mania de enrolar coisas em volta do dedo enquanto escuto algo que não quero escutar (onde encontrei esse pano?).

— Tu sofres por aprendizado, minha tristeza não é por profissão, nem opção, é por desgraça. Deve ser mais belo sofrer por opção. Eu te acho linda, pois podes sonhar que cais em precipício e, antes de alcançares o chão, podes falar: “Pronto! Devo acordar, eu não preciso cair”.

“Comigo não. Estou nesta cidade de passagem, lendo as desgraças de Baudelaire e de Rimbaud e espero passar o resto de minha vida suicida na cama, chegando a conclusões sobre a vida amorosa de Sartre. Meu sofrimento é pânico irremediável, é dor de cabeça, é saber que cada copo de absinto que tomo é perigoso. A esquizofrenia é minha poesia, o meu caso é patológico, sofro de tristeza crônica e sou autodepressivo.

“Deves casar-se, linda menina, que a cozinha primorosa do teu lar espera-te para que cozinhes para seu marido.”

O pano em meu dedo já se desmilinguia e eu nada falaria sobre o motivo do meu casamento. Ao terminar, dei-lhe um beijo embriagado e pedi o presente que eu realmente desejava.

— Tire-me a virgindade, é o que espero ganhar para a eternidade, a certeza de que a perdi com amor.

Levantei a saia e peguei sua mão, colocando-a perto do meu sexo que estava à mostra, pois como gata escaldada que sou, nesse dia, não vesti roupa de baixo. Acariciando meus pelos, disse-me algo em latim que não me recordo, isso até hoje acho engraçado.

Cheguei meu corpo para a frente para que sua mão alcançasse o meio de minha vagina e impulsionei seu dedo para o buraco vaginal, forçando-o a enfiar o dedo pai de todos até estourar a fina película que desde então soube que se chamava hímen; acho deveras cômica essa palavra.

Enquanto o fazia com a mão direita, bebia com a esquerda e eu chorei de dor e espanto pelo sangue que vi pingar no chão de mármore do lugar que no dia seguinte eu iria, e fui, me casar.

Retirou o dedo manchado com meu sangue vaginal, mergulhou-o no vinho e novamente o injetou em minha vagina, causando-me dor e dormência nas pernas.

Permaneceu ziguezagueando por alguns minutos até novamente tirar e mergulhar no vinho, injetando logo após os dedos seu-vizinho, pai de todos e fura-bolo.

Senti muita dor e pedi que parasse, o que nada adiantou. Unindo o mata-piolho aos outros três, penetrou-os ao mesmo tempo em minha vagina, que já inchada cessara o sangue. Só deixando de fora o mindinho. "Dedo mindinho, seu-vizinho, pai de todos, fura-bolo, mata-piolho, cadê o toucinho que estava aqui? O gato comeu. Cadê o gato? Perdeu o rabo. Cadê o rabo? Está na panela de feijão. Que panela de feijão? Na que caiu senhor ratão." Lembrei-me disso enquanto perdia a tal virgindade, lembrei-me também da irmã de Papo que costumava fazer tal brincadeira correndo com o dedo fino pelo meu braço e fazendo-me rir à procura do toucinho. Lembrei-me por último que não suporto toucinho, nem a palavra feijão, e comentei com Bastian, que ainda enfiava ensandecidamente os dedos em minha doída vagina.

— Não gosto da palavra feijão, irei mudá-la… que tal… jampê?

Retirou os dedos e aplaudiu a minha decisão de troca de nomes, prometendo-me só chamar tal cereal negro de que muitos gostam com arroz de jampê.

Beijou-me e, por fim, disse-me:

— Case, linda, como se fosse para mim.

Seu rosto tão bonito, queria que ficasse para se tornar meu amante.

— Por mim espera mais uma insônia e alguns copos de vinho, mas um sono profundo de química e a ideia de escrever um livro sobre um menino que vivia a pensar que estava com febre, um livro escrito dopado. Sou decepcionantemente confuso nas coisas que falo, principalmente nas dissertações sobre Platão.

"De você terei saudades, mesmo com antagonismo de nossas tristezas e prantos. Somos poetas e algo temos em comum: elegância e bom senso, apesar de nossos porres em tardes de piano ou dos rumos desconexos que vivemos, lembremo-nos dos dias de chuva que passamos juntos e

reconheçamos que não há poema mais lindo do que a cumplicidade que temos e por mais besta que pareça, sempre teremos, enfim…"

Levantou-se do piano, caminhou até a primeira fila, onde nos esperava uma garrafa de vinho, só tropeçando na maldita ponta do tapete de volta.

— De presente, eu lhe darei a música da cerimônia, tocarei *Toccata et fugue*, como quando nos beijamos pela primeira vez.

Abriu a garrafa e levou à boca, deu-me um gole e iniciou a música. Nessa hora, em nada mais eu podia pensar.

E foi pensando em Bastian que me arrumei com a ajuda de Simone, que delicadamente se ofereceu para arrumar-me, apesar de eu crer que estava com segundas intenções. Pois acreditem, se tentasse me beijar eu não hesitaria, naquele momento eu nada hesitaria, estava deveras esbaforida com a ideia de não ser mais virgem.

Somente as mulheres podem saber como a novidade de não ter mais hímen é incrivelmente inebriante. Hímen, que palavra engraçada.

Lembrei-me das músicas que ouvi Bastian tocar, das suas composições, dos tangos da tristeza de Bach, seu compositor predileto. Bastian tocava de ouvido, era um artista, as notas eram alívios de um paraíso sem graça. Com Bastian aprendi a escutar música e apreciá-la sem esquecer a poesia que guia toda e qualquer manifestação de arte. Com ele aprendi a tocar o instrumento que alguns anos depois me aliviaria a tensão que a doença de Rodrigo me causaria, somente o piano e os contos que escrevia eram o que eu tinha como costume, eram minha válvula de escape, minha loucura e possessão.

O meu vestido, apesar de branco, refletia o vermelho da grossa anágua que cobria meu diáfano corpo e sexo. Papo reclamou, e eu não poupei esforços para ridicularizá-lo dizendo que precisava usar óculos, que em sua idade era necessário algo que fortificasse a visão. Mamãe me olhou com repressão nos olhos, eu ri e Simone calou-se, afinal de contas o fundo vermelho fora ideia dela para presentear-me, o que me deixou muito feliz, eu sempre gostei de vermelho, vermelho dos meus cabelos, vermelho de minhas unhas que mais tarde tive como hábito pintar.

Tudo estava pronto para a nova vida que levaríamos, uma casa no centro que nos possibilitava ver a cidade que do outro lado da baía dava os primeiros sinais de progresso tecnológico. A casa era primorosa e mobiliada, esse fora o presente do pai de meu futuro marido; de Papo ganhamos um carro e a viagem para um país não tão distante que fiquei sabendo por Bastian que era o país do tango. A ideia de escutar tango me excitava, foi uma pena termos adiado tal viagem devido a dor e desespero de meu marido.

Douglas estava vestido de… como se chamam… aqueles meninos que junto com a dama de honra… Bom, ele e Al guiavam o cortejo. Mamãe não poderia deixar faltar o chapéu e as lágrimas, em Papo não prestei atenção, somente mais tarde dei por conta do fogo que estava devido a tanta bebida. Foi nesse dia que Papo confidenciou-me sua iniciação sexual com Romênia. Permaneci com um sorriso são durante toda a tola comemoração. Sem que Papo percebesse, ri no banheiro para não causar-lhe timidez. Pois sim, se percebesse que meus desígnios eram de zombaria, ele se calaria e logo voltaria ao seu estado normal. A bebida pode ser controlada pelo estado de espírito.

As crianças são geralmente excêntricas e evidenciam malícia e sedução a cada frase, que bem executada demonstra um inconsciente maldoso e egoísta. Quanto mais velhas, esses sintomas ficam mais aparentes.

De curiosidade constante, aproveitam da infantilidade como meio de conquista e perversidade. Nessa época, se inicia a liderança que se esconde pela idade, por isso conseguem comandar a ação de um grupo. Só parando em fatiga.

A ensandecida agitação me trouxe sempre a impressão de que elas estão prestes a constranger a todos com ventos intestinais ou um ataque de soluço contínuo.

Atraentes sexualmente, a malícia de um sexo novo, com a mucosa ainda lisa sem pelos pubianos. Dão muito valor ao preço das coisas, sendo calculistas e bons negociantes.

Após toda a cerimônia, não pude conter Papo de fazer uma ridícula festa, com muitas malditas criaturinhas fedidas e barulhentas. Despedi-me de Bastian quando o apresentei a meu marido, não sei, mas sempre tive a tendência de apreciar partidas, para quem não tem muito a fazer, se torna uma boa coisa para ocupar o tempo, lembrar.

Sinto-me madura, não mais criança, e as crianças se aproveitam do corpo para demonstrar que já não somos jovens. Elas me mostram que o corpo normalmente despenca, cai, submerge na vergonha da idade e nos deixa visualmente e emocionalmente expostos a cada movimento. Elas agridem, jamais terei filhos; são curiosos e egoístas, fantasiam e inventam mentiras sobre os casais.

Perguntaram-nos quando a cegonha iria nos trazer um presente em uma noite de verão. Que frase mais canastra, pergunta idiota e tola. Rodrigo disse que dependia da patroa, pedi que jamais repetisse aquela expressão ordinária que era costume dos seus pais, desmoronei e ridicularizei seu passado.

Papo dançava com todos, pegava todas as crianças no colo e passava a mão na barriga da mamãe sempre que tinha uma oportunidade de ser fotografado. Pensando nisso, resolvi não chamá-lo mais de Papo, aliás, parei de chamá-lo. Quando cito meu pai, falo simplesmente Jofre Tiengo. Pode parecer frio e até mesmo vil, enfim, dessa forma não me canso nem me cobro perante a posição familiar de ter que conviver com um homem como ele. Não que ele seja mau, não tenho a intenção de passar uma imagem ruim de meu pai nem de ridicularizar sua posição, mas nunca concordei com suas opiniões e ações, ões, ões, não gostei nunca.

XI

Decerto aquela barata estava havia dias esganiçada no azulejo do banheiro, pois acertar-lhe o tamanco torna mais fácil de jogá-la fora. Por isso não me contive dois dias atrás quando me deparei com uma grande barata cascuda.

Hoje, quando enfim achei melhor enfrentar o fardo de retirar tal gosmento animal, tive de calcular o ato, decidi optar pelo método mais simples: vassoura e pá.

Recordei-me do passado quando ainda estudava com Anethe Frazão, não me lembro ao certo porque, creio que foi uma aula sobre os ortópteros da família dos Blatóides, ensinando-me anatomia da espécie nojenta.

Queria reencontrar Bastian para enfim perguntar-lhe se o rosa da estranha casa do pastor fora ideia e desejo da suicida professora. Enfim, não era isso que inicialmente eu pensava.

Sinto-me velha, esse não seria um bom termo, aliás, "sinto-me velha" é muito canastrão, tanto quanto o *ma tre* do salão de chá que atualmente frequento. Movimentos rígidos e alguns momentos de descontração estudada para mostrar-se um bom sujeito, porém profissional e tão consciente da arte do seu trabalho, ao ponto de um sorriso ser uma ação impossível.

Nunca deixando de se apresentar aos novos frequentadores: "Boa tarde, meu nome é Marcondes de Olivares, sou *ma tre* da casa, qualquer sugestão estou sempre próximo demais para servir e bastante longe para não escutar quando não for necessário que eu sirva". Engraçado, não?

Acredito que eu tenha mais idade do que Marcondes, mas a ostentação que vive por ser *ma tre* do salão do clube, isso lhe dá a velhice de um, desculpe o termo, babaca.

Há vários Marcondes de Olivares espalhados por todos os lugares, em minha rua mora um jovem senhor que é um homem de pequena estatura, um careca dissimulado. Casado com uma senhora mais velha, não menos pequena e um pouco mais feia, sim, mesmo após terem uma filha adolescente redondamente ridícula, desfila um sorriso bacharel em direito.

Ao ponto de uma manhã quando levava Rodrigo para um rotineiro passeio matinal, o tal sujeito pomposo sorriu--me piscando um só olho maliciosamente. Não me contive, rindo histericamente do tolo.

No meio artístico, tive a oportunidade de observar um Marcondes, chamava-se, creio… Antônio Machado. Um artista acadêmico, se assim eu poderia chamar seu trabalho. Vendia-se por qualquer ninharia.

Em um final de tarde deparei-me com um dos seus quadros em um café que tentava mostrar Fernando Pessoa com uma conhecida frase escrita embaixo da dantesca criatura, que de Pessoa não tinha nada: "O poeta é um fingidor". Um poeta fingido de dantesca criatura…

Contei isso a Rodrigo, ele pareceu ter escutado, sorrindo, e mesmo o seu sorriso doente não fez me arrepender da véspera de meu casamento ou da noite de núpcias quando fizemos amor e logo após perguntou-me cheio de dedos: "Por um momento pensei não sentir seu hímen, besteira, não?", respondi, aliás, afirmei: "Eu não sou virgem". Ajoelhou-se no chão deitando sua cabeça em meu colo chorando, senti pena, gratidão e responsabilidade, mas nunca arrependimento.

Jamais comentou com ninguém, jamais culpou-me e jamais fizemos amor novamente, sua tristeza tornou-se um mal, uma doença que o impediu de trabalhar logo alguns meses depois.

No início de nosso casamento éramos frequentemente visitados, depois fui friamente cortando esse hábito de ambas as famílias. Jofre Tiengo comentara que uma filha quando se casa perde os pais, comentário cretino.

Também nessa época ninguém percebera que Rodrigo adoecera, somente seu pai, Frederico Mendes, num domingo após um almoço de mau grado que ofereci a todos, chamou-me às sombras para perguntar-me se tudo ia bem. Era um dia fresco, pedi à nova criada que servisse o almoço na varanda. Enquanto todos faziam sua sesta, demos uma caminhada, eu e meu assisado sogro, pelas ruelas estreitas e floridas de minha cidade.

— Creio que não será interferência minha perguntar se anda tudo bem com você e meu filho.

— Desculpe, porém seria, sim.

— Você nunca teve apreço a mim e já deve ter percebido que nem eu a você, enfim, Rodrigo de você fez esposa, mas não deixei de ser seu pai por isso. — Achei surpreendente a sua afirmação. — Nina, sei que algo não vai indo bem, só não gostaria que esse mal se propagasse, você me entende? — Odeio que me façam tal pergunta.

— Tenho uma família pequena demais, diferente da sua. Rodrigo é meu único filho homem e Catarina decerto não se casará e se isso por acaso for feito, certamente não poderá me dar netos. — Nenhum homem conseguiria permanecer em sua presença com tanta tosse e astenia. — Não espero ter que conversar com meu filho, pois um homem quando se casa não é necessário que precise do pai na primeira crise e problema.

— Não, não temos nenhum problema, além do mimo que me é necessário tirar de Rodrigo, somos adultos e não precisamos de sua ajuda. — Como era ridículo estar ali falando tal coisa. — Rodrigo irá começar a trabalhar como advogado em uma firma nova, pretendo dar aulas de literatura pra crianças — mentira —, não temos nenhum problema e não precisamos de você.

Já começava a me sentir cansada em ter que dar tal explicação, até perceber que não precisava dar tal explicação.

— Não preciso lhe dar nenhuma explicação.

Estava tonta e excitada, estranhamente excitada, queria que me abraçasse e levasse suas mãos em meus seios jovens, o cheiro fresco do outono e o barulho constante de folhas secas pisadas. Comecei a andar um

pouco mais rápido deixando meu elegante sogro mais atrás, eu sabia onde eu queria ir e Frederico Mendes seguia-me falando algo que eu não ouvia. Diminuindo meus passos, encontrei enfim a praia, tirei meus sapatos e minha meia-calça fina, deixando-o aturdido e desajeitado.

A praia era bonita e a baía, límpida e rasa. Queria na realidade jogar-me de roupa e molhar-me em festejo, mas não seria uma atitude louvável, e nunca soube nadar, apenas molhei meus pés e ameacei sentar. Foi quando Frederico Mendes me deu sua casaca para me proteger da areia fria. Gostei dessa atitude.

— Eu gosto deveras de tango, praia em dia sem sol lembra-me de uma música muito bela e apaixonada. — Arrependi-me de ter falado isso.

— Sei que me precipitei em falar que não gostava de você, não é bem assim, mas tenho consciência de que não ama meu filho e é forte demais para ele, bonita demais e inteligente o bastante para fazê-lo sofrer, lembra-me de alguém que conheci no passado. — Certamente alguém que amou na juventude, devia ter sido muito bonito, pois ainda se via sequelas de uma divina aparência, algo nele me atraía.

— Também fui precipitadamente estúpida, talvez estejamos mesmo passando por uma difícil fase de adaptação. — Não sei por que quis que me entendesse, por isso falei com tom de quem fala com verdade. — Na realidade, fiquei muito chateada de não ter ido viajar, acho que Rodrigo também… — menti, pois ele não queria ou pelo menos não demonstrava nenhuma opinião.

— Sei que fora presente de seus pais, porém deve ter compreendido que Catarina adoeceu muito depois da separação do irmão, sempre foram tão unidos.

Deitei sem ligar para a areia.

— Irá chover hoje, ou talvez amanhã, mas acho que será hoje, o que acha?

Deitou-se também, era um homem estranho, diferente de Jofre Tiengo, culto e não costumava assistir ao sermão do pastor, marcado na cidade por

um amor que teve logo depois que se casou. Fora um escândalo do qual teve que abdicar, por isso era amargo.

Ficamos ali durante algum tempo, creio que foi muito tempo, sei lá, o suficiente para que eu adormecesse. Quando despertei, havia uma coroa de margaridas em meus cabelos. Em minha cidade há muitas margaridas.

— Obrigada pela coroa, há muito tempo que durmo? — Não me respondeu.

Olhou-me e passou suas mãos em meus cabelos.

— Você é linda, como uma Vênus.

Levantou a coroa de flores e beijou-me na testa demoradamente. Ajudou-me a levantar e seguimos até a casa de mãos dadas.

Depois voltou a tratar-me com frieza e somente voltou a frequentar nossa casa quando Rodrigo dera início a desistência de andar e trabalhar.

Pensei que o trabalho pudesse reanimar Rodrigo, me interessei em conhecer seus companheiros e esposas, programei umas reuniões para entrosá-lo socialmente. Um fracasso, não fazia nada durante o transcorrer da festa além de olhar-me, aliás foi o que fez durante tanto tempo, olhar-me.

Em um aniversário, ele me deu uma sereia que aumentava de tamanho quando era colocada em uma jarra com água, era bonito, mas inexpressivo, mesmo assim fiquei um pouco feliz. Um ano depois, ele me deu um aquário com cinco peixes pretos, explicou-me que eram cinco para que não houvesse duplas, não queria que copulassem e acreditava que o quinto iria envergonhar os outros quatro que por acaso quisessem se acasalar. Achei engraçado e fiquei satisfeita em ter um aquário.

No seu último aniversário, em que me dei o trabalho de nos lembrar com uma festa simples, convidei alguns intelectuais que conheci no museu de artes plásticas e alguns conhecidos da firma onde trabalhara. Nada consegui além de um porre, passei a noite inteira conversando com um sujeito bastante engraçado que usava um corte de cabelo antiquado e uma roupa exageradamente calorenta para o calor que fazia no dia. Conversamos sobre som experimental, ele era músico. Fez-me repetir

durante uns bons minutos, ritmicamente, sem parar e errar: "Tende titubear, tende titubear, tende titubear, tende titubear", enquanto ele falava ao mesmo tempo algo que demorei um pouco para entender do que se tratava, era: "Cubo no cuzinho, cubo no cuzinho, cubo no cuzinho, cubo no cuzinho, cubo no cuzinho". Com a empolgação tapei os ouvidos com as mãos, ele mudava o tom da voz sem perder a batida, também com os ouvidos fechados.

Rodrigo ficou calado em frente a tal manifestação musical, creio que tenha gostado. Era um homem diferente do que conhecera no passado, eu o preferia assim.

Quando todos já se tinham ido, deitei, mas não sem antes tirar toda a roupa, Rodrigo permaneceu no salão até que eu dormisse. Quando amanheceu, eu já tinha levantado. Vomitei.

Logicamente éramos capazes de nos entender pelos olhares que trocávamos em determinadas situações, como na noite que passeávamos pela rua principal e encontramos um sujeito que havia trabalhado com ele em sua seção nos últimos dias antes de pedir demissão sem me consultar.

Chamava-se Ernesto Prego, o que muito me divertiu, afinal era exatamente o que o nome dizia. Um típico homem de braços curtos, daqueles que falam algo que julgam engraçadinho e te cutucam rindo e olhando de vez em vez para o lado, pensando ser observado.

Convidou-nos para um licor em um bar aberto em frente à praia, Rodrigo nada falou, mas eu percebi que não era de bom grado a ideia. Mesmo sem nada dizer, notei que não lhe agradaria tal lugar arejado. Fomos, pois eu sabia que ele não queria ir.

Tomei sete cálices de licor de propósito, por causa dos sete chifres do monstro no qual a prostituta monta no Apocalipse, engraçado ter esse pensamento nada óbvio de comparar um licor a um monstro.

O que importava naquela noite era que eu estava bonita assim como a Babilônia e todos ali sabiam. Minha pele amadurecia e ficava mais diáfana com o tempo e o opaco do vermelho que agora tinha como costume vestir

embelezava minhas formas como uma deusa, sim, endeusava minhas mãos com finos cigarros e licor. Sete cálices apenas.

Rodrigo rira algumas vezes com respostas que eu dava para que sujeitos cretinos, como Ernesto Prego, não me incomodassem. Não sou racista política, somente biológica, e nesse dia não poupei hostilidade, sendo malcriada com um marinheiro negro que me abordara em uma ida ao toalete: "Boa, potranca!", falou entre dentes como costumam fazer os tarados. Respondi sem piedade nem escrúpulos:

— Boa? Boa é a princesa Isabel que libertou sua raça!

O maldito riu cuspindo e deu-me um tapa em minhas nádegas, nada fiz, fora leve e talvez eu tenha me excitado. Afinal, boa potranca era o mais sonoro dos gracejos e lembrava-me de Bastian.

No caminho de volta para casa não tive nada como opção além de falar, pois já não tinha mais o costume de beber, Rodrigo permaneceu quieto. Era digno ouvinte e isso muito me acolhia. Creio que foi por isso que nunca me adaptei a sua ausência quando era internado pelo pai, meu assisado sogro.

A ruela era escura e a noite esfriara como num instante apenas, eu poderia achar-me feliz, porque era uma noite feliz, véspera de uma sexta-feira treze. Diz a vulgar lenda que nesse dia as bruxas estão à solta em suas eficientes vassourinhas, competindo entre si cuspe à distância em um alvo não menos vulgar do que a abóbora com olhos e bocas cortadas.

— Você parece que era bom em redação, algo em você mostra sua capacidade gramatical — creio que fossem as orelhas —, sim, você deveria ser exemplar em redações — já me sentindo ridícula —, talvez você fosse apenas médio em redação. Aliás, você foi médio em tudo.

Não sei por que o agredi.

— A única redação da qual me recordo fora uma que escrevi há muito sobre a primeira viagem de carro que fizemos com Jofre, era um dia de sol e eu não queria narrar assim, "era um dia de sol", então deixei para citar esse detalhe na última linha.

"Recordo-me, 'o sol iluminava-me pelo vidro de uma janela embaçada, devido à poeira que o dia levantava'. Acho que devia ser '... devido à

poeira que as quatro rodas em um dia quente levantavam'. Talvez eu tenha bebido demais e você esteja me ridicularizando em seu pensamento."

Aquele chapéu que eu usava realmente era ridículo, mais a bebida e toda aquela história cretina sobre a minha redação.

— Você poderia ao menos comentar sobre o meu novo chapéu, um sujeito pardo esbarrou-se em mim e riu, achei engraçado ele ter rido, não sei, mas canalizei em meu chapéu.

"O chapéu de mamãe era de flores de macieira, ela caminhava linda e grávida pisando em maçãs." Lembro--me que nessa frase a senhorita Ruth cifrou colocando acima um asterisco e a observação: 'Não se leva em conta uma colocação irreal em uma redação na qual o tema foi 'Quando eu e minha família estamos juntos'. Hoje estou melancólica, pois até esse dia eu acreditava ser mais forte que uma maçã, podendo esmagá-la facilmente com os pés. Merda!"

Encerrei o monólogo com um leve palavrão e a incrível sensação de não precisar mais temer a crítica de meu surrealismo narcísico ao narrar minha vida. Caminhamos lerdos até que uma fina chuva desse início. Apressamos os passos e eu pensava em minha vida achando-me cafona por estar pensando em minha vida. Recordo-me de uma menina com quem estudei na época da redação sobre o passeio que demos em uma estrada na qual nos perdemos rodando três vezes no mesmo lugar, essa sim era cafona e eu costumava sentir vergonha por ela. Esse pensamento desviou-me do sentimento de cafonice, podia-se dizer que começava a me sentir melhor.

Acendi um cigarro e, serelepe, abordei repentinamente Rodrigo com um beijo, senti o vazio que vivia e novamente me senti cafona.

O domingo pode se tornar incrivelmente bom quando chove, acordei sem levantar da cama, puxando a cortina para visualizar a sorte de ter um domingo não entediante. Poxa, como isso me fez bem. Eu, por mais surpreendente que fosse, estava feliz, dentro das possibilidades.

Preparei um gostoso café, tomei uma xícara apenas, nunca o meu estômago reagiu bem ao café. Algo eu não podia negar, o silêncio de

Rodrigo era de fato um privilégio e eu era realmente fiel esposa. Jamais teríamos filhos, fiquei feliz por lembrar isso.

Coloquei uma saia vermelha de organdi, uma blusa de seda e um paletó, de Rodrigo, coral. Estava realmente bonito o coral destoando o vermelho sangue coágulo seco, meus cabelos compridos e ondulados prendi num rabo de cavalo com fita.

Rodrigo nunca usara o paletó fora de casa, costumava usá-lo para jantar às sextas, que bom que é na sexta que decide vesti-lo, se fosse domingo iria me deprimir.

Somente devemos nos vestir bem quando chove no domingo, o sol nesse dia é mais poderoso e detona o desespero e o suor, além de mágoas e dores de cabeça.

Que súbita vontade de chorar que tenho, o desespero enjoante que se aloja em meu estômago já não tão jovem. Aperto agudo em minha garganta suja de fumaça, a sensação mórbida de calor quando chove, como em túmulos em jardins descobertos enlameados, as lesmas são geladas como tripas expostas.

Jazem as baratas, lesmas e percevejos mal cheirosos sobre quem sentir calor quando há chuva, é sinal de morte, a lúgubre razão da morte, a morte sempre está certa, não se ouve falar por um morto, além de pranto e culpa, e ele jamais reclama do momento escolhido pelo poderoso Plutão a nos envergonhar com ninharias abaixo da língua, assim como mendigos quando não esperam serem roubados enquanto dormem bêbados, se previnem. Nem todos os mendigos são espertos, creiam nisso.

Sentei-me ainda pensando nisso em uma poltrona de veludo vinho que eu comprara em uma casa de velharias na rua perpendicular à nossa. Em frente à poltrona estava a janela e a chuva chovia sem força para afogar nem uma miserável formiga, nem sequer um desses pobres animais que invadem meu açucareiro.

Aproveitei o café e o misturei com uísque, a mistura do diabo para o café da manhã, não lembro de ter comentado o hábito atual de meu marido,

agora ele trabalha na restauração de uma velha cadeira de barbeiro que lhe dei na última sexta-feira do mês passado.

Eu mal sabia que ali ele passaria os longos e entediantes anos de sua vida, sentado e lendo livros de mitologia grega, sempre ao que se referia a Psiquê.

De onde eu estava sentada eu poderia ver todos os movimentos dos vizinhos da frente, uma família até engraçada. Ela era professora primária, mas nada se parecia com Anethe Frazão. Tinha olhos fortes e corpo bem elegante, seu marido também poderíamos considerar bonito, se não fossem pelas péssimas roupas que costumava usar. Bom, enfim, nada tenho a comentar sobre eles.

Prefiro lembrar, lembrarei então.

***

Os filhos regem os ensinamentos dos pais a seus filhos, assim deve ser feito pois assim o Esp rito Santo é eternamente pregado e a água divina é derramada. Por isso não é válido o controle da vida e devemos que sejam bem-vindos todos que nascerem e forem gerados.

A modernidade quer impedir que as mães tenham seus filhos e Deus quer que todas as mulheres possam lhe dar mais seguidores.

Quando um dos seus filhos gera um filho, o Senhor sorri pela graça da vida, o que ser amos sem crianças sorrindo para nossas tristezas?

Temos que proliferar o Esp rito Santo, sim, como oferenda ao Senhor.

***

Acordar tarde foi o que sempre fiz em toda minha vida, deixar planar o lençol por sobre o corpo sem formar uma só dobra. O máximo é visualizar o tamanho do meu travesseiro, mesmo sabendo que todo ele não me é necessário.

Quando pequena, eu dormia com minha mãe se Papo viajava durante muito tempo, assim me parecia ao menos na época, os dias eram longos, as noites eternas dormindo na ponta do macio e perfumado travesseiro de mamãe.

Voltei a falar Papo, era realmente ridículo tentar modificar tal costume. Rodrigo que me convencera, olhando-me com olhos de "desmedida". A mesma expressão que quando ainda noivos fazia, eu costumava falar que todos eram desmedidos: "Realmente a quantidade de almofadas nessa casa é desmedida"; ou uma simples exclamação: "Que coisa desmedida!". Na redação que fiz quando estudei com uma menina desmedidamente cafona, citei: "Mamãe mais uma vez fora desmedida quanto à quantia alimentar do piquenique. Muitas frutas e pães de queijo, enfim tudo que não me agradaria comer em um passeio que deveria ser exótico".

Rodrigo olhava-me com uma expressão engraçada, quando assim eu falava. Por isso parei de chamar Papo de "Jofre Tiengo", creio ter sido uma boa decisão.

Sem dúvida nenhuma, acordar cedo pra mim tem sido o motivo de meu mau humor diário, a cada doze horas do dia uma drágea e meia de 200 mg. Às sete da manhã acordo, dirijo-me à cozinha, descalça, procuro o remédio durante alguns minutos causando algum barulho.

Talvez eu devesse calçar as chinelas ao levantar para pegar uma drágea e meia do remédio que encontro depois de xingar um pouco a mãe do mundo.

Minha vó do Sul, que há muito tempo eu não vejo, talvez tenha falecido, fora uma bela mulher sem dúvida.

Ralhava todas as manhãs quando deparava comigo a tomar chocolate na cozinha. Era considerado proibido para mim pisar no gelado chão da cozinha e do banheiro. Por que raios eles devem ser diferentes dos demais aposentos da úmida casa? Evitaria que as meninas moças precisassem das tamancas de madeira para tomarem banho quando estão resfriadas, pois sim.

Onde raios pus os remédios? Merda. Encho um copo com água bem gelada mesmo sendo inverno, apesar de saber que minhas amígdalas não suportam por muito tempo tal excesso.

Tive um sonho quando criança, eu naufragava com minha mãe e minha irmã em um turbulento oceano. Por nós passavam baús e balangandãs de

época, como os de Simone. Nós três estávamos sobre um pedaço estreito de chão e parede, por algum tempo permanecemos ali, até que minha mãe encostou-se na parede e uma farpa enfiou em seu coração.

Ela se desfez como gelo fora da geladeira por cima de nós duas que observávamos catatônicas o sangue jorrando entre coágulos e veias gigantes como tênias vermelhas.

Contei para Rodrigo, que mexia compenetrado em sua cadeira de barbeiro que eu dera para sentar-se defronte à minha poltrona de veludo vinho. Contei-lhe tantas coisas, certamente ele fora o meu maior confidente e amigo, o seu silêncio alegrava-me, eu escutava o seu silêncio e ele ouvia-me.

Eu não precisava mais falar, talvez nem pensar se não quisesse, porém havia uma necessidade absurda de analisar as coisas da menos sensata à mais fútil. Como ouvir música clássica em pleno centro da cidade? Debussy, que estranho ouvir Debussy, não convém muito na situação que hoje me incomoda, a música transmite uma nostalgia das novelas que por vezes escuto no rádio e isso não se enquadra bem com a cena e o texto que inicialmente me viera à cabeça.

Decerto eu não sabia muito bem o que falar, momentos de silêncio. Uma turbulência regrada, medida, convenientemente bem enquadrada, pulsações espontâneas, pânico controlado e um tamborilar de dedos ritmado.

Por que Rodrigo sorria então? Havia momentos de verdadeiro prazer, outros que gargalhava tão bruscamente que sua saliva, demais para o normal, ficava-me exposta indecentemente.

Parava de falar para pensar no que acabara de dizer, como se conseguisse me posicionar em alguma ideia, mas nada sabia, nem ao certo fazia, era como se um impulso demoníaco me fizesse falar.

Agora ele está mais calmo, não tive medo em momento algum, eu sei o que na verdade quer, ele quer se fazer de louco só para me deixar louca.

Eu odeio essa sua cara de quem sabe que não conseguiu me assustar, mas finge que não sabe e isso me deixa em dúvida se estou ou não assustada.

Sim, nós dois sempre conseguimos nos confundir e talvez ele saiba disso.

Ele se veste bem, sempre o mesmo estilo de peças, mas se veste bem e certamente é isso que importa, afinal eu desconfio, você desconfia, todo mundo desconfia que ele na verdade planeja me abandonar e eu não me importo se ele vier a sair com outras, ele merece mediocridade, ele merece desfile de coleções para meninas moças em algum bulevar da cidade. Ele merece a normalidade que tanto parece procurar, ele merece ficar pensando se está bem ou mal.

Amo Mozart, eu queria estar longe de pessoas que tentam se definir para se sentir vivendo, mas qual é a vantagem de se sentir vivendo? Festa do Balu na casa treze, ele se interna numa clínica e sai às vésperas de seu aniversário, não gosto dele, é como se ele tivesse ficado louco só para conseguir licença no banco onde trabalha, eu não gosto disso, ele não merece viver por causa disso e eu não sou Nijinsky para achar que Balu tem uma função para estar vivo e por isso devo perdoá-lo por estar vivo. Decerto é o único amigo de Rodrigo que vem nos visitar de vez em vez, o que só me dá trabalho para depois limpar os cinzeiros que suja por toda a casa.

Eu gosto de Chopin, a valsa de um minuto é a que mais me agrada. Por que ainda me preocupo com as roupas que ele veste? Devo começar a acreditar que não me importarei se ele usar um sobretudo de chitão com chapéu coco de palha e é nisso que irei falar, eu lhe desejo e assim que irei vê-lo de chitão desfilando sua vulgaridade, desfilando o seu bem-estar programado.

Eu por minha vez usarei meu chapéu de feltro opaco, não conheço ninguém que tenha algo parecido, que se encaixe tão bem. Colocarei, por incrível que pareça, um vestido cinza transparente e a roupa de baixo vermelha. Para beber, pedirei um copo de menta, menta pura para deixar as pessoas do meu lado enjoadas.

Um cigarro de filtro preto e uma tragada forte para intoxicar o meu desprezo pelos mortais, apagarei o cigarro pela metade, cantarolarei baixo aquela música de Chico Buarque que me faz sentir Maria sendo consolada

por São Pedro nos pés de Cristo. Depois, farei o semblante de quem se conforma com a bebida já terminada. Por isso pedirei outra, serão quatro mentas ao todo e nenhum outro cigarro.

Vou me dirigir até o banheiro e chorarei histérica o meu pranto encomendado. As outras pessoas estarão de marrom, eu não suporto marrom.

As mulheres me olharão com um jeito de quem comeu, gostou, mas não ficou satisfeito. Eu as olharei como quem já não precisa mais comer, isso fará os homens sentirem fome e se por acaso houver crianças, elas vomitarão ou golfarão por terem tomado muito leite à tarde.

Eu não conseguia parar de falar, se eu achar que o que falei vale mais que um saco de formiga para um tamanduá, poderá ser muito ruim para minhas rugas nas laterais da boca.

Rodrigo me segue com os olhos, me manda um beijo, ele sabe que eu não gosto que mandem beijos pra mim.

Eu sei que ele nunca encontra entre suas ferramentas a chave-inglesa, por isso eu imagino o que agora irá mexer na cadeira que está em seu estado perfeito. O que me deixa um tanto quanto pasmada, atenta aos seus movimentos, talvez eu conseguisse tirá-lo desse transe e pudéssemos então fumar um daqueles cigarrinhos apertados à mão que eu tanto fumei quando aprendi piano. Enfim, me custaria alguma manifestação corporal e onde estou sentada não me é possível mudar de posição.

Pois sim, realmente eu nunca imaginaria que as coisas tomassem um rumo tão real, nem ao menos poderia imaginar que a situação piorasse com o decorrer do tempo. Eu acho que não estou me saindo muito bem em termos de exposição de fatos. Gosto da música que escuto, é uma pena não poder escutá-la todos os dias, consecutivamente. Não sei, creio ter enlouquecido… ou enlouqueci…

Vomit…

XII



Era um consultório espaçoso, uma mobília simples, mas não empoeirada, a cortina cobria toda a janela. Não me lembro de muitos detalhes, apenas que no chão entre a porta do banheiro e a estante empilhada de livros estranhos e para mim pouco conhecidos, havia restos de uma receita rasgada, certamente fora esfacelada antes de minha chegada.

Por que será que rasgaram tal receita? Durante alguns segundos mantive os olhos nos papéis, até que a recepcionista, uma jovem de cabelos castanhos e pele morena de cacatua do pântano, manda delicadamente que eu entre. Reprimo então meus pensamentos ridículos quando me deparo com a situação ridícula que eu me propunha a fazer.

Ao entrar, avistei sentado a uma poltrona na penumbra da sala um senhor, pediu-me que sentasse ou deitasse se melhor eu ficasse dessa forma.

Somente falei coisas não casuais depois de várias semanas:

— Sofro de uma doença, uma peste em potencial.

É como morder uma maçã seca, depois de molhar os lábios, vulgarmente dizendo lamber a boca. Não sei por que agora também penso pelo vulgar, creio ser sintoma do tempo. Quando cedo à beleza e à modernidade. Mais tarde à beleza, ao tedio e à vulgaridade. A opção de divertimento é a decadência, o sol. — Não pude explicar o que eu queria dizer com "o sol". — Ocupo o meu tempo a pensar em quadros por sobre papel de parede,

quando não trabalho em um projeto para tirador de caroços de azeitonas sem danificações.

Nada é permanente, que coisa óbvia.

Essa foi a última vez que estive com doutor Damata, muito já ri lembrando-me de sua cara quando disse a ele que me suicidaria tomando vinte drágeas e uma garrafa de licor de chocolate.

O consultório era em uma rua próxima à escola de Al, não nos víamos havia muito e segui para casa um pouco fatigada com o decorrer do dia.

Ao chegar, encontrei um bilhete de Rodrigo avisando--me ter ido até a barbearia com Arimateia Nagrito, um vizinho que creio já tê-lo narrado, bem apessoado, porém deveras malvisto, por vezes acreditei que olhava-me com olhos de malícia. Possuidor de métodos de cura populares, muito me visitou delicadamente para tratar de minhas tenebrosas dores de cabeça, apesar de não muito adiantar. O material necessário para toda manifestação era simples, apenas um tufo de papel podendo ser jornal velho em forma afunilada, colocando a ponta mais estreita em contato com a cabeça e na outra acendendo com fósforos até formar-se uma chama, que só deveria ser apagada na metade do trajeto até a outra ponta, diz Arimateia Nagrito que é exatamente a fumaça que alivia as dores.

Conheci no passado uma rezadeira que vinha nos visitar para benzer-nos e à casa. Era deslumbrante vê-la com o defumador por entre os móveis tão sombrios, rezando e cantando. Mamãe depositava toda sua crença naquela simples mulher de favela, apenas uma filha de Odite entre tantas loucas e misteriosas, dava-me tristeza vê-la tão magra e crente por trás das cortinas, era ali que dizia estar o mal pior, por trás das cortinas se escondia o diabo.

Convicta de suas crenças, mostrava-me uma mosca que ao acaso por ali rebolava seu tédio, como símbolo do demo. Mamãe fazia, meiga, o sinal da cruz, retrucando baixo algo que no momento eu estava muito encantada para dar ouvidos. Ficava dias com a imagem daquela mulher magramente saudável em lamúrias entre os móveis grandes e pretos de jacarandá, sem passar nem perto das cortinas longas verde-musgo, até esquecer e ocupar

meus pensamentos infantis com outras coisas, voltando a tal lembrança apenas quando deparava com os satânicos insetos dípteros, sendo do tipo vulgar ou doméstico, não importava, tremia de medo e pavor da morte, que até então para minha tola cabeça, era o demônio.

Aliás, minha tola cabeça já consumiu muitas ideias esdrúxulas sobre tudo. Assim como as modernas máquinas eletrônicas de bater massa de bolo, já degluti loucuras de uma família orgasticamente religiosa, como baba de vaca ao ser ordenhada. Misturas de opiniões, sem nenhuma base linear, mais ou menos assim: “Eu acredito nisso, mas creio naquilo, dou possibilidades para que aquilo outro possa existir”. Enfim, restaram-me o vazio, o mesmo tédio do pequeno animal díptero, a mesma zonzeira irritante e o som irrequieto do que seria a morte.

Pois sim, caro amigo, aqui estou eu, com sequelas de minha mocidade fugindo-me pela culatra, sem ao menos saber lidar com aparelhos domésticos e tentar coser o botão da camisa do homem que normalmente eu deveria amar. Falando sozinha blasfêmias dos outros, retornaria jamais à época dos almoços com o pastor Ortiz, prefiro o som opaco do silêncio que é a solidão, como contos fiados, sem um vintém de dó ou compaixão por mim mesma, apenas um sono e preguiça até mesmo de me deitar ao leito para tentar dormir em cama de pregos.

Posso ouvir, mesmo de ouvidos tapados, Arimateia Nagrito falando ensandecido sobre a melhora de sua mulher com suas terapias experimentais, pobre mulher, tão bela e diabética, mesmo assim tão confiante no homem que demonstra tanto amor e carinho, respeito, porém não a mesma cumplicidade que eu e Rodrigo com o passar do tempo conseguimos, até mais do que com Bastian, o homem que, digamos, fora meu grande amor.

Agora abdicarei de meus pensamentos cansados para ao menos ser gentil com Arimateia Nagrito, que tem demonstrado muita paciência com o silêncio mal compreendido de meu marido. Devo-lhe algo por sua benevolência; se me pedisse um beijo, eu dava.

— Percebestes o dia que faz lá fora? É de fato o início de verão mais lindo que já me foi permitido ver — falou enquanto me entregava distraído um ramalhete de flores. — Ah! Trouxe para a senhora, que meu amigo não me leve a mal. — Tentando ser cordial com o imparcial Rodrigo Mendes.

— Decerto aceitará um chá que lhe prepararei em segundos, comprei alguns finos biscoitos e espero que não negue esse pequeno agrado. — Me achando tola em ser tão simpática desnecessariamente. — Mostre-lhe o que está fazendo em sua cadeira, Rodrigo, enquanto termino com o chá de rosas.

Acompanhei os dois até a saleta onde se encontrava apenas nossas cadeiras, uma estante desorganizada, duas mesas com pequenos abajures e a vitrola, para onde fui logo ao entrar na sala, colocando Bartok e trocando logo em seguida, percebendo que não fora uma boa escolha. Substituí por Donizete.

O chá estava realmente delicioso, posso até dizer que me diverti com as últimas descobertas "medicinais" do galante rapaz que eu tanto gostava de repetir o nome:

— Arimateia Nagrito, bonito nome, certamente pertenceu a algum corajoso coronel espanhol — falei até certo ponto com ironia.

— Não, esse nome me foi dado por meu pai, dizia-me ele que pertencera a um sábio homem na aldeia que morava quando jovem. Era o símbolo maior de bravura e honestidade. Nessa época, havia uma peste que se alastrara por todos os cantos, chamava-se Nagrito, pois foi exatamente Arimateia Nagrito que curou várias pessoas, vejam só, foi com chá que Arimateia descobriu a única fórmula de combater o mal.

— Por isso tanto interesse em curar, para honrar o nome que lhe foi dado? Interessante, pode-se saber qual fora a fórmula que a tantos salvou?

— Chá de baratas marrons — falou-me com toda naturalidade possível — Nada além de baratas.

O diagnóstico de Rodrigo surpreendera-me devido a sua ainda jovem idade para tal caso. A síndrome de Parkinson foi descrita inicialmente por

um jovem que diz ter sido chamado por James Parkinson.

O sistema primordial constitui-se de um sistema de fibras nervosas que se originam no córtex, levando até o músculo esquelético a motricidade voluntária.

Pois sim, esse é um dos dois sistemas que se relaciona com a motricidade, apesar de não ser esse o caso de meu marido, a informação consiste mais uma vez em ajudar o autor a preencher página.

A doença nos trouxe uma tristeza opaca que retornou minha lembrança a Gregor, tão pequenininho entre os braços da mãe que acalentava suas dores com cócegas nos finos braços feridos de bolhas. Havia um silêncio morto por todos os aposentos da casa e na cozinha, um cheiro de ervas quentes boiando em grandes panelas, que depois dali tornavam-se compressas para os olhos que o fazia chorar de tanta efervescência. O pai alto, na porta a observar a mulher tão fiel e bondosa acariciar os ralos cabelos molhados de seu filho febril.

O sistema extrapiramidal, era o caso de Rodrigo, assustava-me com os movimentos involuntários associados, automáticos como a marcha, o incontrolável piscar de olhos, o incessante balançar de braços ao andar cambaleante.

Ao contrário de Greo, que pouco se mexia e quando o fazia tinha dificuldade, por isso andar era impossível.

Na síndrome, ou no parkinsonismo, o distúrbio ocorre exatamente no sistema extrapiramidal, é a principal causa de natureza degenerativa.

Papo, a primeira vez que o viu em tal estado, se recusou a fazer silêncio, dizendo ter tido um amigo quando recém-casado que sofreu deste mesmo mal, chamava-se Expedito, e por incrível que pareça, a única coisa que o curou fora um pássaro.

Mamãe olhou-me insegura, pedindo para que eu não o ignorasse. Pelos seus olhos visualizei o desprezo de anos que dei ao meu pai, a frieza sarcástica que correspondi à sua opinião, esquecendo do Papo que, quando pequena, mesmo ignorante, me pegava ao colo com a força de um herói. Eu

não sabia que os heróis não deveriam necessariamente ser inteligentes, geniais.

Eu não sabia de nada, além da ironia que carreguei nos lábios, esse último pensamento fez me sentir piegas e novamente a pieguice salvou-me pelo gongo. Aliás, vamos dar nomes aos bois, quem afinal fora Expedito? Por que agora enfim após anos, depois de uma juventude passada pelos mesmos anos de minha existência, Papo retornaria a pensar em Expedito, logo ele que roubara de ti seu primeiro amor?

Talvez o sarcasmo estivesse em seus lábios dessa vez, o sistema extrapiramidal de meu marido tornou-se via de vingança, pela perda da amada.

O pássaro da cura, por fim explicado, transpassava a tremedeira do corpo do doente para seu canto, até que isso o fizesse morrer.

Tolamente discuti a possibilidade de real melhora com o médico, que então cuidava de Rodrigo. Ele tentou explicar-me algo que por fim fez me sentir ridícula.

— O que o senhor Rodrigo necessita neste momento, em que seu corpo passa por uma estranha mutação, é a fé da família na cura, seja ela de qualquer maneira, desde a mais estranha crença até a maior das racionalidades no ramo neurológico. Não que eu me considere capaz de desvendar os métodos populares. — Tirava os óculos coçando os olhos e produzindo um som. — No estado em que o paciente se encontra no momento, devemos fazer todas as tentativas para uma remota cura.

Seus sapatos brancos cretinos estavam cobertos de lama e cobriam certas partes do tapete com esse produto resultante de água e areia, por vezes barro ou excremento. Enquanto pensava, fazia uma expressão de profunda perda de continuidade racional, então disparava a falar. Eu o mirava, sem sombra de dúvidas, com um olhar mais cretino do que o sapato branco sujo de lama, que pode ter se originado de várias fórmulas, assim como o pássaro que, afinal de contas, Papo não soube dizer com certeza de que parte do país viera. Achava que era do Nordeste.

Depois da consulta, depositei meus pensamentos em um debate sobre a confraternização maçom no rádio, pensando em reler Sade, que na verdade seria o melhor pra continuar escrevendo meus contos enquanto Rodrigo se estrebuchava como uma cadela quando foge de muitos cães.

***

Os orais se destacam entre os anais, todos tão extrovertidos e capazes de tudo sem constrangimentos, a maioria dos atores são anais, incapazes de escutar uma música sem que para isso precise uma dose de expressão facial desnecessária.

Meu maior divertimento agora era definir em um grupo cada posicionamento dentro dessas três possibilidades, mesmo que isso me levasse a uma leve dor de cabeça ao final de cada noite.

Rodrigo dormia, após algumas doses de sonífero, e nesse momento me era possível sair e era o que eu fazia, noite após noite, causando dó aos vizinhos, tenho certeza de que todos me viam com maus olhos como se eu fosse cruel a ponto de bater nele até que desmaiasse, para que eu pudesse ir para um desses cafés lotados de anais. Em um desses, apesar de ter sido clichê demais, encontrei-me com Bastian.

— Fumo cigarros franceses, somente os franceses, aceita um, Marie?...

Apenas conversamos o suficiente para que pudesse mostrar-me que a plasticidade do passado se tornara evidente com a troca de nome.

Marie, se ainda fosse Desirée, mas não, Marie. Tornara--se um anal, é a tendência, o complexo hermafrodita faz o homem querer se mostrar, para que seja visível a procura do outro, para se deixar bem à mostra e, enquanto isso, os orais se escondem com a mão no rosto, na boca, camuflando a coincidência e lá estava o homem que retirara meu hímen, anal como nunca, chamando-me de Marie.

Foi-se embora, fiquei mais algum tempo naquele infecto lugar de putas nada polacas e malvestidas, pensando na narrativa de minha morte. Inventarei um contador de histórias, talvez um cigano, para que um

possível leitor venha a saber de forma ostensiva como eliminei minha dor, talvez uma jovem francesinha em um noticiário barato no jornal da tarde:

"Morreu de uma hemorragia fatal, após amputar seu próprio antebraço direito, um vizinho próximo diz que a fadiga de um simples ato de cortar um remédio ao meio diariamente a levou a fazer isso. Sofria de ausência desde a infância, o complexo parcial levava-a a desmaios súbitos e era-lhe necessário uma drágea e meia de doze em doze horas. Perto de seu corpo um conto que pelo visto fora terminado naquele mesmo dia.

Casada e sem filhos, deixou o marido possuidor da síndrome de Parkinson e também colaborador pela tal atitude, pois era ela que dava-lhe remédios, também sendo necessário meia drágea de um segundo remédio.

Seu marido repousa em uma casa de saúde com problemas mentais e traumas pelos maus tratos que recebia já havia algum tempo.

Os mesmos vizinhos que deram a causa do suicídio informaram que ela costumava amarrá-lo todas as noites para ir à procura de amantes em porões escuros pela cidade, prostituindo-se por prazer.

Também o vestia com roupas femininas para que servisse de chacota fazendo-a rir em tão alta voz que várias vezes acordou as testemunhas durante a noite, chamando-o de 'Emílio, o invejoso', ainda não se sabe por quê."

Jornal taciturno: boa tarde, por Marie.

Sim, era naquele momento que tudo se definira, como descobrir a beleza em uma lágrima, algo do gênero, piegas como toda manifestação de sentimentos deve ser.

Propõem-se ânsias de medo, pré-ânsias de vômitos, Emílio ali descobria que sua família era um verdadeiro saco de gatos e nesse dia seu ouvido esquerdo estava entupido como toda vez que ficava triste, era um sintoma. Uma estranha manifestação física de uma sensação de necessidade obscura de morrer. Novamente narrar momentos de máxima sensibilidade me proporciona sensações de profunda pieguice. Morre, cachorro vadio, tudo que escutara ao deixar sua pequena cidade natal balançando mal acomodado em uma boleia de caminhão, aquilo era muito forte para sua

concepção de beleza, não mais a beleza da lágrima piegas, tudo era diferente, as vacas e o pai.

Seus olhos suplicavam-lhe que dormisse, porém era impossível impedir a ociosidade entre mamãe e vó Maroca, iríamos para uma nova cidade, na qual chaminés apontavam para o céu, baforando como negro-velho.

Uma cidade álgida, ainda sem nome, apenas com máquinas esbaforidas e homens pardos expondo seus músculos como troféu dos anos de lutas.

As unhas de vó Maroca com restos de esmalte vermelho retornavam seus pensamentos à nojeira em que viviam, mesmo ouvindo sempre seu pai afirmar que poucos teriam a sorte da família Quintanilha, tinham um saco de moedas que os permitiria tentar vida nova, já que a guerra não demonstrava mais as sequelas desesperadoras de épocas bem piores.

Tantos haviam conseguido no mínimo permanecer em liberdade, morando em Beveder, a cidade que outrora fora do aço, mas vó Maroca não satisfeita fizera a família recolher seus trapos sujos e velhos e tacá-los na boleia. Pronto, lá estavam eles, fazendo as costas de Emílio permanecerem tortas durante horas, o fazendo coxear o resto de sua maldita vida, como um mulambo humano. Talvez mais uma vez o exagero alimenta a tara do autor.

Um feixe de ossos mal calcificados, com dois olhos opacos, era constrangedor vê-lo sendo esmagado impiedosamente pelos amplos seios de sua avó, que decerto devia ter sido uma mulher muito bela, agora lembrava-lhe um bicho, como um jacaré ou algo que o valha. Ele a odiava e isso não lhe era claro, até mais tarde ao vê-la apenas de sutiã e saias, aquela explícita barriga branca e compacta como um manjar. Ele a odiou naquele momento e durante o resto de sua vida.

Sua mãe era o contrário da figura assisada da avó, sim, era bela, mas sua imagem não o atraía tanto quanto a do pai, nessa época ele já sabia disso e reluzia ao demonstrar sua exagerada emoção e devoção ao progenitor.

Seu corpo diáfano, róseo, inspirava um desejo pudico. Perguntava-se a quem recorrer, avistava de longe o corpo do seu pai, tão diferente dos

outros homens da aldeia, pois agora já percebera que ali não se tratava de uma cidade, e sim de uma aldeia.

Seus irmãos mais velhos nada lhe diziam, além de uma espessa pele entupida de espinhas que cobria ossos grossos e mal encaixados, diferente de Emílio, que era alto e nobre ao caminhar, apesar da maldita coluna que o matava de dor ao se esforçar em não mancar. Sua vida era-lhe pesada, pois tinha que esconder seus traços finos com roupas empoeiradas e chapéu de palha, para que o sol não lhe esfolasse a pele, sua voz era delicada, mas mesmo ela tinha que ser constantemente dosada para que os seus não o chamassem de maricas, nunca ninguém o entenderia ou saberia que se tratava de uma mulher com o invólucro masculino e mais nada.

Por que raios ele se deixava comandar por aquela velha de coque e lábios cortados pela velhice?

Sua avó ostentava uma prepotência maligna sobre todos, principalmente Emílio, aquela mesma velha que ele odiaria durante toda a sua vida o carregou no colo durante inúmeras doenças que tivera na infância, o esmagando entre os seios sardentos e enrijecidos como mamas de mocinha.

Gastava horas a pintar a vasta cabeleira já esbranquiçada, deixando fios enormes na escova de madeira e na pia, ele odiava também as vitaminas que ela lhe servia todas as manhãs, bananas. Seu falecido esposo, o avô de Emílio, dava bananas às vacas, talvez houvesse alguma relação. Talvez.

Despontava em sua personalidade um medo enjoado das coisas, um vazio na cavidade estomacal, sempre olhava as vísceras da avó com náuseas. Que oxalá lhe traga bons ventos.

A sopa o esperando em uma caneca de cobre, apesar de todos saberem a história da morte de um compadre de seu pai que ocorrera em um trem devido ao café que tomara em uma dessas malditas. Emílio olhava aquela gororoba sem cor definida, amassada para que ele não soubesse o que ali continha, sempre tivera mau estômago e nunca fora de comer legumes, gostava de jampê e mais nada.

Ele queria mais uma vez morrer, morrer, puta que o pariu, morrer para terminar aquela situação ridícula, ter que tomar a sopa para poder sair para

catar ervilhas, era a única coisa a fazer e ele gostava de ver o pai com enormes aventais na cintura catando *petit pois*.

Nesse dia ele queria morrer tanto como quando era menor e se esbarrava entre as pernas dos adultos, que horror!

Laborioso, seu pai parecia sempre precisar ajudar para demonstrar-se útil, de certa forma a si mesmo. Emílio recordava-se de seus olhos atentos ao filho, prestes a salvá-lo, era o mais novo, após dois irmãos gêmeos — Ramiro e Samuel —, chamava-se Emílio assim como o pai, somente percebera que lhe fora dado tal nome por acaso, pois os gêmeos não poderiam ambos se chamar Emílio Quintanilha, sofrera assim como todas as vezes que sentia-se desnecessário, assim como as três saias que vestia a mulher da quitanda, a eterna imagem do que é ser Maria, a galega da quitanda, Maria.

Poderia chorar se retornasse ao dia de sua chegada a tal desconhecida cidade, era uma cidade de poucas mulheres, em um bar permanecia a massa masculina, tudo tinha indústria no meio, Emílio teve consciência do centro gritante pelas chaminés, e nem mesmo o maior dos filósofos conseguiu provar o contrário com a tese da mosca. Novamente a repetição normal dos autores da demonstração da falha humana literária.

Moravam então em uma pequenina casa onde dentro havia três quartos, um amplo e claro que seu pai e sua mãe permaneceriam durante bons anos de suas vidas, outro um pouco menor do que o primeiro citado, onde sua avó costumava dormir quando enfim conseguia fazê-lo — sofria de insônia crônica —, e o último, o de Emílio e os gêmeos. E neste mesmo quarto teve a repugnância de presenciar, sem ser visto de início, sua mãe sendo sodomizada por um desses jovens musculosos que carregam consigo monumentais jebas brilhantes.

Somente ao produzir sons de vômito fora visto pelo até então orgástico casal, a sensação que Emílio sentira barrou toda e qualquer afeição que até então pudera sentir, sua mãe retirando rapidamente o membro de seu ânus, sua saia era de um estampado estranho como se fossem neurônios coloridos que tinham movimento como se bailassem enquanto ela corria histérica

atrás do pequenino, Emílio queria morrer, mais uma vez, vulgarmente morrer.

Ao alcançá-lo, segurou seus finos braços e, olhando no fundo de seus olhos caídos, disse-lhe: "Jamais viu o que pensou ter visto, ouviu, rapazinho?". Nunca mais se esquecera, mas também nunca mais tivera certeza se vira realmente tal coisa.

Por tantas vezes vivenciou tal cena ao iniciar a masturbação. Certo dia, após uma dessas noites que a cama se cobria de um gosmento líquido com cheiro de água sanitária, sonhara que o diabo vinha buscá-lo, vestido como se é necessário: chifrinhos, "enormes garfões" — assim fora sua descrição — e capa vermelha esvoaçante. Ao amanhecer, não titubeou e culpou o prazer da noite passada, como castigo, o pesadelo era sinal da proibição, nunca mais o fizera e quando acordava molhado chorava em frente ao espelho imitando gestos de sua mãe. Assim foi até completar dezessete anos mancos e seu pai levá-lo a uma casa de mulheres da vida.

As luzes refletiam seu medo em cada piscada assustada que dava com olhos lacrimejantes. Seu pai bebia e fazia-se de encosto para duas piranhas, uma atendendo pelo nome de Sula e a outra como Morena.

Perdia-se na imagem do pai domando tais potrancas, até que por entre a fumaça do local surge então Desirée e lança-lhe um beijo vermelho sem piedade. Com sua meiguice e idade, ficou rubro ao olhar o pai e naquele estranho momento soube que não se tratava de um menino, e sim uma mulher. Aquilo que carregava como pêndulo entre suas pernas não lhe prestaria para nada, imaginou-se com meias de seda e colares, muitos. Imaginou os neurônios da saia de sua mãe balançando junto ao seu corpo e deixando em polvorosa o rapaz que gozara em sua mãe na sua própria cama. Emílio agora sabia de tudo isso, sabia que não seria um poeta ou tenor, não trabalharia na fábrica com braços potentes, ele seria uma mulher e lutaria para isso, sonhava com mamas e vulva, tinha enfim o que pensar quando não em morte.

Por debaixo da mesa deixava seu copo cair para a frente ao ponto de sua magra bunda entrar em contato com seus dedos, ali mesmo sentiu sua

válvula de prazer.

Desirée recebeu um sinal de seu pai para que fosse encaminhado o rapaz virgem até o quarto da espalhafatosa mulher. Trêmulo, confuso, sem saber o que fazer, babélico com a nova postura de ser mulher, desmaiou e tudo daí em diante fora arrevesado em sua vida, era por isso constantemente ridicularizado.

Posfácio

Uma pequena sinopse cinematográfica de doutor Alberto e sua potranca Desirée

POR NINA TIENGO MENDES

Desirée, uma mulher bonita, uma potrancade de marca maior, sustenta uns glúteos gigantescose flácidos. Usa uma argola de ouro de dez centímetros no clitóris e possui só uma teta.

Faz sexo bizarro, anal, oral, e com mulheres. Topa bacanais e sadomasoquismo. Dança em uma boate e transa em público numa sauna, vende filhos e é viciada em cocaína.

O lugar é iluminado por uma luz vermelha. Desirée está sendo sodomizada por um negro, enquanto ao fundo há uma tela de TV na qual aparece uma cena de sexo animalesco, um homem currando uma galinha.

Entram quatro mulheres nuas se beijando, uma beija a boca do negro lustroso, outra beija o púbis de Desirée, e as duas que restam fazem sessenta e nove.

Toda esta cena é focalizada em uma tela de cinema, no público focaliza um velho que toca punheta.

Três fileiras atrás, uma mulher beija o pênis de um anão, e um pouco à direita duas bichas se tocam.

A cena agora é transferida para o banheiro das mulheres, onde a bilheteira se autopenetra com um vibrador.

A câmera fecha, o som dos gemidos é sutilmente diminuído, a cena é nervosa como se alguém tivesse saído assustado do banheiro feminino após presenciar tal manifestação lésbica. Caminha pelo corredor espelhado, passa pela roleta e entra uma musiquinha sensacionalista, estilo "A pureza ainda existe, não desanime meu amigo".

À distância, focaliza algumas crianças, a câmera se aproxima e flagram-nas brincando de médico na praça.

Fim ou, se preferir, *the end*.



Este livro foi editado na cidade
de São Sebastião do Rio de Janeiro,
foram usadas as fontes Requiem
da Hoefler & Co.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Young, Fernanda
Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar / Fernanda Young. – São Paulo: LeYa, 2019.
160 p.

ISBN: 978-85-7734-702-5

1. Ficção brasileira I. Título

18-1745 CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira